

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS, ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA TESSARIN

**“SOU UM PROJETO DE MUITAS OUTRAS PESSOAS E MEU PASSOS TAMBÉM
SÃO OS DELES”:** o Rap como instrumento de reflexão sobre o cotidiano

ITUIUTABA

2021

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA TESSARIN

“SOU UM PROJETO DE MUITAS OUTRAS PESSOAS E MEU PASSOS TAMBÉM SÃO OS DELES”: o Rap como instrumento de reflexão sobre o cotidiano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a M.a. Isadora de Souza Alves

ITUIUTABA

2021

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA TESSARIN

“SOU UM PROJETO DE MUITAS OUTRAS PESSOAS E MEU PASSOS TAMBÉM SÃO OS DELES”: o Rap como instrumento de reflexão sobre o cotidiano

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social pelo curso de Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia, pela banca examinadora formada por:

Ituiutaba, 28 de outubro de 2021:

Prof.^a. Dra. Camila Maximiano Miranda Silva

Prof. Dr. Mário Borges Netto

Prof.^a. M.a Isadora de Souza Alves

Dedico este trabalho a todos os pretos e pretas que vieram antes de mim, que com todas as adversidades existentes, seguiram resistentes, mesmo que derramando seu suor e sangue para trilhar um caminho adiante na selva de preconceitos, para que hoje pudéssemos viver em um mundo um pouco melhor.

AGRADECIMENTOS

Bom, para começar, gostaria de deixar registrado minha gratidão por todos os pretos que vieram antes de mim e lutaram por vagas em espaços institucionais como o que me encontro hoje. Gostaria de lembrar também daqueles que viveram uma vida inteira de trabalho (muitas vezes mal remunerado), acreditando em uma melhora no futuro, para que talvez seus filhos, netos ou bisnetos pudessem alcançar lugares que para eles seriam apenas um sonho.

Gostaria de agradecer o sacrifício de minhas bisavós e dos que vieram antes delas, que mesmo com poucos recursos e nenhuma alfabetização, criaram muitos filhos e todos conseguiram sobreviver nesse mundo capitalista, que é bem cruel com quem não tem sobrenome importante ou uma conta bancária recheada.

Deixo aqui minha gratidão aos meus avós paternos, Rosa e Dico que já não estão mais presentes fisicamente, mas que sempre estarão presentes em meu coração e memórias.

Deixo também meus agradecimentos a meus avós maternos, Maria e Messias. Ao meu avô Messias, obrigado por nunca se deixar vencer por nenhum preconceito, e mudar a vida de sua família trabalhando onde fosse necessário, obrigado por ser exemplo de superação, paciência e amor. A vó Maria obrigado por cuidar de mim, ser um exemplo de fé e bondade e me ensinar que a vida é mais bonita quando se tem amor no coração. A história de vocês me inspira a querer ser alguém melhor todos os dias.

Agradeço ao meus pais, Márcia e Pedro, obrigado por trabalharem e lutarem para que eu pudesse me dedicar somente aos estudos, em especial minha mãe, professora, preta empoderada, linda e inteligente que trabalhou a vida toda mais de 14 horas por dia, para que eu e minha irmã tivéssemos mais chances de vencer na vida. A vocês dois, todo meu amor e gratidão.

Por último, porém não menos importante, gostaria de agradecer a minha namorada, Aline, pelo amor, carinho, apoio e por nunca deixar que eu desista de mim e dos meus sonhos, obrigado por ser quem é, te amo! Também a todos os meus amigos, especialmente a Thiago, Wilson, Miquéias, Camyla, Gabriela e Larissa, pois as conversas trocadas e vivências compartilhadas foram de grande valor tanto para o desenvolvimento das ideias desta pesquisa como para meu crescimento pessoal.

Por fim, obrigado Daniela de Carvalho Ciriaco e Isadora de Souza Alves, pela paciência, parceria, amizade, dedicação, compromisso e principalmente por acreditar e incentivar minhas ideias, sem vocês não teria chegado até aqui e nem abordado o tema que abordei em minha

monografia, com a presença de vocês a academia se tornou um ambiente bem mais inspirador e bem menos hostil e conservador.

A todos minha eterna gratidão. Obrigado, essa é pra vocês!

“Não se acostume com esse cotidiano violento, porque essa vida não foi feita pra você rapaz, você foi feito pra correr nos campos, andar de cavalo, cercado por crianças, cachorros velhos, tendeu rapaz? Flores, natureza, rios, água limpa pra beber rapaz, essa foi a vida que Deus preparou pra você, mas o ser humano é ambicioso, ele estragou tudo, ele estragou tudo. Vamos viver, esse é o caos, esse é o mundo que você convive hoje, século 21, pra geração do século 21, o que você vai fazer pra mudar? Cruzar os braços e reclamar ou vai ser a revolução em pessoa? Acredito em você rapaz, procure a sua, eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz!”

(RACIONAIS MC'S, 2006)

LISTA DE SIGLAS

B-Boy	Breaking Boy
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
DJ	Disc jockey
HIP-HOP	Saltar-Movimentar os quadris
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MC	Mestre de Cerimônia
NY	Nova York
ONG	Organização Não Governamental
RAP	Rhythm and Poetry
REP	Ritmo e Poesia
RJ	Rio de Janeiro
RZO	Rapaziada da Zona Oeste
SP	São Paulo

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2. CORES E VALORES: UMA BREVE ANÁLISE DO RACISMO NO BRASIL.....	13
3. HIP-HOP: o grito daqueles que sobrevivem.....	22
4. Profissão ancestral: uma análise sobre Mc's e DJ's como intelectuais orgânicos e djeli modernos.....	31
5. Dados que revelam privilégios: caminhos da pesquisa.....	37
5.1 Consciência: o Rap como uma ferramenta para leitura da realidade do contexto de quem o escuta.....	40
5.2 Identidade e representatividade: o entendimento do próximo como espelho do nosso ser.....	44
5.3 Acesso: o rap como instrumento para o conhecimento cruzar a ponte através das ondas sonoras.....	48
5.4 Serviço Social: uma ponte para a emancipação.....	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO.....	63

“SOU UM PROJETO DE MUITAS OUTRAS PESSOAS E MEU PASSOS TAMBÉM SÃO OS DELES”: o Rap como instrumento de reflexão sobre o cotidiano

Pedro Henrique de Oliveira Tessarin¹
Prof.^a M.a. Isadora de Souza Alves²

RESUMO

Este trabalho cujo tema é o Rap e a consciência crítica do cidadão tem como objetivo compreender o Rap nacional como forma de reflexão sobre a realidade, tendo em vista que a população brasileira periférica, em sua maioria composta por pessoas negras devido a vários processos históricos de exclusão e desumanização foram privados de diversos direitos por parte de um Estado e sociedade excludentes, entre eles o acesso à educação e o direito a reflexão e entendimento de seu próprio ser. Para construção desta pesquisa, os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, qualitativa e de opinião. Como instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário online para compreender a percepção dos sujeitos acerca dos temas abordados neste estudo. Como observado com o desenvolvimento da pesquisa, o Rap é um movimento cultural de protesto realizado pelas e para as classes marginalizadas da sociedade, ele possibilita aos integrantes daquela realidade refletirem sobre sua situação e terem consciência dos seus direitos e deveres. Com a análise dos dados coletados foi possível notar a influência do Rap nacional na vida das pessoas que o escutam, como ele pode se tornar um instrumento de reflexão sobre a realidade e uma ponte para a consciência racial e de classe.

Palavras-chave: Serviço Social. Rap. Hip-Hop. Racismo. Consciência.

ABSTRACT

This article, whose theme is Rap and the critical conscience of the citizen, aims to understand the national Rap as a way of reflecting on reality, considering that the peripheral Brazilian population, which is mostly composed by black people, due to various historical processes of exclusion and dehumanization were deprived of several rights by an excluding State and society, including access to education and the right to reflection and understanding of their own being. For the preparation of this work, the methods used were bibliographic, qualitative and opinion research using an online questionnaire as an instrument to form a solid theoretical basis for the reflections present in the research. Taking into account that Rap is a cultural protest movement, carried out by the marginalized classes of society, it enables members of that reality to reflect on their situation and become aware of their rights and duties. With the analysis of the collected data, it was possible to notice the influence of national Rap in the lives of people who listen to it, how it can become an instrument of reflection on reality and a bridge to class consciousness.

Keywords: Social Service. Rap. Hip-Hop. Racism. Conscience.

¹ Graduando do curso de Serviço Social da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção e Serviço Social – FACES, Universidade Federal de Uberlândia – UFU; E-mail: pedrohenriquetessarin@hotmail.com.

² Mestra em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. e professora do Curso de Serviço Social da UFU – Campus Pontal. E-mail: isadora.alves@ufu.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A população brasileira periférica, em sua maioria preta, devido a vários processos históricos de rejeição e desumanização foram privados de diversos direitos por parte de um Estado e sociedade excludentes, entre eles o acesso à educação e o direito à reflexão e entendimento de seu próprio ser. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015 *apud* CFESS-CRESS, 2017, s.n) “o percentual de pessoas negras que vivem condições precárias de saneamento, sem acesso simultâneo a água, esgoto e coleta de lixo, é quase o dobro do de pessoas brancas”, ou seja, algo aconteceu e acontece para que os pretos sejam a maioria em condições precárias, sem acesso a direitos básicos, e esse algo será explicitado na primeira seção, que analisa o processo histórico do racismo no Brasil.

Tomamos como pressuposto que o Rap como movimento cultural de protesto feito pelas e para as classes marginalizadas, possibilita aos integrantes daquela realidade refletirem sobre sua situação e ficarem conscientes de seus direitos e deveres, além do que está sendo negado por parte do Estado.

Por isso, o objeto de estudo da pesquisa é o Rap nacional como forma de reflexão sobre a realidade, pois o mesmo foi feito com o intuito de emancipar e trazer informações a seus ouvintes por meio de rimas. Sendo assim, será realizada a contextualização do Hip-Hop/RAP como manifestação cultural e política, na segunda seção, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor sobre este gênero musical que também é forma de resistência.

Diante disto, o objetivo principal será identificar e analisar como o Rap contribui para um processo de formação crítica e reflexiva da realidade, por meio de suas letras, gerando intelectuais orgânicos em diversas comunidades, o que irá viabilizar a discussão feita na terceira seção, na qual será possível compreender como o Rap contribui para a construção da noção de direitos e deveres da população.

Por fim, para compreender a percepção das pessoas acerca do Rap, discutiremos com base em quatro categorias os resultados de um questionário online. Dentre as categorias de análise, que serão explicadas na metodologia, uma que será de grande importância para o debate é a que trata do Serviço Social, pois nela será discutido quais as possíveis relações e contribuições entre o Rap e o Serviço Social e qual a importância de identificar esses subsídios para a categoria.

2 CORES E VALORES: UMA BREVE ANÁLISE DO RACISMO NO BRASIL

*“Desde o início por ouro e prata olha quem morre, então,
veja você quem mata, recebe o mérito a farda que pratica o mal,
viver pobre preso ou morto já é cultural”*

Racionais MC's, Negro Drama (2002)

O povo periférico, aqueles que residem nas margens da sociedade capitalista, sempre foram alvo de diversas opressões, sejam elas vindas do Estado como a violência policial, a falta de saneamento e moradias adequadas, sejam elas feitas pela sociedade, baseadas em processos históricos que ocorreram na formulação da nação.

O processo histórico aqui abordado será o que Nascimento (1978, p. 48) afirma ser “[...] o maior escândalo de todos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negro-africanos.” Sistema esse que teve início juntamente com o colonialismo e os portugueses no século XV, e se estendeu por mais de 300 anos em nosso país deixando feridas dolorosas até hoje em nossa sociedade.

O processo de escravização teve o colonialismo como argumento, pois foi através dele que começou a surgir o conceito de raça e esse conceito trouxe impacto para a estruturação da sociedade contemporânea.

Foram, portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça. A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana. Se antes desse período ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (ALMEIDA, 2019, p. 18).

Todos aqueles que não eram brancos e não tinham a cultura semelhante à europeia “necessitavam” de ajuda para poder “evoluir” e enxergar todos os “benefícios” do qual o europeu gozava. Desta forma, começaram a criar teorias de que os nascidos na Europa precisavam mostrar o caminho correto para todos aqueles que ainda não possuíam o conhecimento tecnológico, filosófico e cultural.

É nesse contexto, que o termo raça surge para separar os que estavam atrasados e os que estavam prontos para mandar, e mostrar o caminho certo para os demais povos e culturas. A Europa se via no centro cultural e desenvolvido do mundo, assim, a classificação de seres humanos serviria, não apenas para filosofia, mas como uma das estratégias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania (ALMEIDA, 2019).

A partir deste momento é que começa o tormento do povo não branco, e em específico, o povo africano que seria visto como bestial, bruto, sem história, feroz e cheio de crenças e superstições pecaminosas, melhor dizendo passaria por um processo de desumanização, que antecederia as práticas discriminatórias e o genocídio que cairia sobre os mesmos, tudo isso inspirados no espírito positivista que como citado por Almeida (2019, p. 20) “transformou o questionamento sobre as diferenças humanas em indagações científicas de tal maneira que o homem passou de objeto filosófico para objeto científico.”

Deste modo o homem começou a ser estudado, e junto com esses estudos vieram as ideias do determinismo biológico e geográfico, os quais afirmavam que as características biológicas e/ou as condições climáticas e ambientais determinariam com toda a certeza as diferenças intelectuais, morais e psicológicas entre as diferentes raças, logo é possível concluir que por sua formação histórica o conceito de raça funciona a partir de dois registros básicos que se interligam e completam:

1. como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo; 2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”. A configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina racismo cultural. (ALMEIDA, 2019, p. 21-22).

Imediatamente os criadores de tal teoria (brancos europeus), seriam aqueles cujo as características físicas e o ambiente eram favoráveis ao pensamento racional, comportamento civilizado e calmo, enquanto os não brancos devido aos climas tropicais e a melanina em sua pele teriam comportamentos imorais e violentos, além de um baixo intelecto e incapacidade de reflexão. Desta maneira começava a destruição do branco sobre os pretos e indígenas, baseado em uma das mais cruéis e sórdidas ideias da humanidade, o racismo, que segundo Almeida (2019, p.12) “é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável”.

Em virtude de séculos de propagação de ideias de raça, no século XX, grande parte dos antropólogos se empenhou em demonstrar através de estudos científicos que existe uma autonomia das culturas e dos povos e “a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos.” (ALMEIDA, 2019, p. 22). Dessa forma, ficou provado que não existe nada na realidade natural que seja correspondente ao conceito de raça. Com o avanço do tempo e o acontecimento de eventos históricos, como o nazismo na Segunda Guerra Mundial, foi possível notar que raça é um elemento político, usado por aqueles que tem a intenção de naturalizar desigualdades, e conseguir aval para segregação e genocídio de grupos étnicos considerados como minorias.

Arelado ao conceito de raça, que foi criado pelo homem branco para iniciar seu processo de dominação de diversas áreas pelo mundo, foi criado a ferramenta que serviria como “arma branca” para deixar à mostra as diferenças e fazer com que os diferentes se sentissem humilhados e rebaixados por suas características únicas, assim se constitui o racismo, uma das formas mais cruéis e perversamente inteligentes que o colonizador branco achou para dividir e conquistar diversos povos pelo mundo.

Com o passar dos anos diversas lutas contra o racismo foram travadas, muitos pretos e pretas deram suas vidas para provar que também eram humanos, que tinham capacidade intelectual igual a qualquer outra pessoa no mundo, e com o avanço dessas lutas surgiram também questionamentos de como o racismo poderia se manifestar e como ele acontece. Quais as formas que ele está instalado que o faz estar presente e atravessar diversas gerações ao longo da história até chegar nos dias atuais?

Na perspectiva de combatê-lo, surgiram diversas respostas a estas perguntas e cada resolução foi sendo debatida e aprimorada. No início achava-se que o racismo era individual, se manifestava somente nas pessoas ou em grupos isolados que por falta de racionalidade e ética o cometeriam, mas essa afirmação é fraca pois mesmo punindo grupos e pessoas o racismo continuou se manifestando, e ao longo da história foi possível notar que não somente os indivíduos eram racistas, mas as instituições de poder que as davam suporte também, dado que as maiores desgraças cometidas aos povos não brancos tiveram suporte de diversas instituições e estas eram respaldadas pela lei.

Deste modo surgiu o conceito de racismo institucional, que ocorre quando as instituições atuam na formulação de regras e padrões sociais que atribuem privilégios a determinado grupo racial, no caso, os brancos que são o grupo hegemônico dominante nas instituições.

O racismo institucional veio para mostrar que o racismo vai além da ação individual, demonstra que não há somente o poder de um indivíduo sobre o outro, mas de um grupo sobre outro, que só é possível quando existe o controle de determinados grupos sobre o aparato institucional, o que é extremamente preocupante, porque as instituições na visão de Almeida (2019, p. 26) “moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências.”.

Se o grupo dominante for racista sempre usará do racismo para garantir seus privilégios através das instituições, impondo à toda sociedade regras, padrões e condutas que fazem parecer normal todo o seu modo de domínio, que se dá usando parâmetros baseados na raça, para que o grupo hegemônico dominante branco reproduza sua cultura, padrões de beleza e modo de viver de uma forma que se tornem o padrão para todos os indivíduos da sociedade de forma que a maioria não perceba.

Com o avanço das reflexões, foi possível notar que as instituições nada mais são que um reflexo da sociedade e se há racismo dentro das instituições, sejam elas quais forem, então há racismo também na sociedade. O racismo é decorrente da própria estrutura da sociedade. Com base nessa afirmação é que surge o termo racismo estrutural, que vem para explicitar que o

racismo nos comportamentos isolados e processos institucionais são expressões de uma sociedade em que o racismo é uma regra e não uma exceção, e que ele se encontra em todas as relações seja elas políticas, econômicas, jurídicas ou familiares.

Em outras palavras o racismo faz parte do nosso sistema, está infiltrado em todas as camadas da sociedade e se instala em todos os âmbitos de nossas vidas, e é por ele que o grupo no poder expressa seu ódio, sabota e suprime as camadas mais baixas da sociedade, marginalizando-as, criando estigmas e preconceitos sobre o comportamento das mesmas, baseando-se na cor de pele, poder econômico e na localidade que habitam.

Neste caso, para o branco, o negro se torna o que Kilomba (2008) chama de *o Outro*, que é aquele em que é depositado tudo o que o branco quer negar em si próprio. Complementa dizendo “O sujeito negro torna-se então a tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou ladrão violenta/o, a/o bandido/a indolente e malicioso.” (KILOMBA, 2008, p. 37).

Ou seja, o negro se transforma na representação de tudo que o sujeito branco não quer reconhecer em si, o preto se torna o inimigo, um ser que a qualquer momento, no imaginário do branco racista vai tomar tudo o que é dele, como se tudo o que o povo marginalizado quisesse, fosse se tornar branco, tendo esse pensamento é que estruturalmente o branco dominante nega o preto como detentor de direito e nas palavras de Kilomba (2008, p. 34) “No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial”, exclusão essa intelectual, física e geográfica, pois o racismo atinge seu alvo de todas as formas e meios possíveis.

Uma das maneiras que um grupo utiliza para dominar outro é moldando o pensamento da sociedade, impondo uma ideologia que se propague e se torne uma verdade incontestável, causando a naturalização, por meio de um repetido reforço de estereótipos de diversos aspectos, que na verdade nunca foram naturais, mas sim artificialmente criados para que nosso modo de pensar seja sobre a perspectiva de uma única história: a história do dominador, aquele que nos caça. Como diz um provérbio africano: “Enquanto o leão não puder contar a sua história, o caçador terá sempre a última palavra”.

Essa naturalização de aspectos artificiais e a dominância da história do caçador, no caso o homem branco, ocorre sempre por uma forte alienação, segundo Almeida (2019, p. 40) “a desigualdade racial tem em comum o fato de que são o resultado de elaborações intelectuais que em determinados momentos ganharam até mesmo o status de ciência”.

Mesmo que a desigualdade social não seja mais justificada em forma de ciência, existem fortes sequelas desse pensamento que ecoam na população e no senso comum, que de uma forma naturalizada ainda toma conta da sociedade, somos não brancos vivendo em mundo feito para os brancos e, como apontado por Almeida (2019, p. 41) “o racismo como ideologia molda o inconsciente”. Acerca desse processo Kilomba acrescenta:

essa frase nos relembra que não é com o *sujeito negro* que estamos lidando, mas com as fantasias *brancas* sobre o que *negritude* deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas sim o imaginário *branco*. Tais fantasias são os aspectos negados do eu *branco* reprojatados em nós, como se fossem retratos autoritários e objetivados de nós mesmas/os (KILOMBA, 2008, p. 38).

Em resumo, somos moldados inconscientemente de forma coletiva pelo conceito branco do que é ser negro, somos alienados e pré-programados para decepção e trauma psíquico com relação a nós mesmos, pois as representações que vemos na maioria dos lugares sobre a negritude fogem da realidade, e são estereotipadas, de forma que parece natural determinada condição para os pretos. Em novelas e filmes, por exemplo, somos retratados como faxineiros, empregados, motoristas, mendigos, bandidos, e temos o corpo extremamente sexualizado (principalmente no caso das mulheres) enquanto o protagonista, o herói, o bom moço e aquele que triunfa no final é branco e atende a todos os padrões de beleza.

Desta maneira, Almeida (2019, p. 41) é cirúrgico em dizer que “[...] a ação dos indivíduos, ainda que conscientes, se dá em uma moldura de sociabilidade dotada de constituição historicamente inconsciente”. Isto é, a forma com que nós nos reconhecemos como sujeitos autoconscientes e políticos pertencentes a uma cultura em que formamos nossos afetos é construída em cima de um padrão racial, que é constituído com base na imaginação do povo não branco através das práticas cotidianas, como: ir ao cinema, ver TV, ler livros de histórias, ver propagandas nas ruas, ir à escola, ou até na educação familiar, sejam elas quais forem sofrerão efeitos do racismo estrutural.

O racismo como forma de pensamento social constitui toda uma estrutura complexa, que vai sendo reforçada constantemente pelos meios de comunicação, pela indústria da cultura e pelo sistema de educação, além de outras instituições e empresas que reforçam padrões que indicam qual o melhor tipo de funcionário a ser contratado, como um trabalhador deve ser, as roupas que deve vestir ou o cabelo que deve ter.

Em outros termos, o que é apresentado a nós não é a realidade, mas sim o imaginário social racista sobre os pretos. Nos é apresentado ideologicamente o que o grupo hegemônico dominante quer que a sociedade como um todo veja. Em um trecho citado por Almeida (2019,

p. 42) é possível encontrar a maior explicação sobre a ideologia: “A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas”.

A ideologia não é somente um pensamento, é também uma prática moldada de acordo com o que acontece na realidade social racista, o que quer dizer que todos os estereótipos reforçados na TV, em histórias, jornais, revistas e em demais meios de comunicação, não seriam possíveis sem uma justiça seletiva e arbitrária, a criminalização da pobreza, e a extrema violência e negligência estatal somente em regiões consideradas “perigosas” pelo sistema excludente.

O racismo é ideológico por estar ancorado em práticas sociais concretas e isso nos mostra não só a realidade social de fato, mas a relação que temos com ela, é uma relação de deturpação da realidade social para que falsos ideais sejam aceitos, reforçados e naturalizados até mesmo pelos próprios negros, que mesmo sendo os mais atingidos por essa estrutura racial posta, tendem a internalizar as distinções de raça impostas desde sempre em seu imaginário pelas instituições, mesmo que o mesmo não perceba.

Na própria história brasileira, o desfecho não foi diferente, pois aqui sem o africano que foi escravizado não existiria Brasil, porque foi dele que veio o trabalho, o plantio, o suor e o sangue, este último, com toda certeza, o que mais foi extraído dos corpos pretos por meio de punições severas, dilacerações corporais e genocídio feito pelos ditos senhores de engenho e todos que para eles trabalhavam.

Mesmo a população negra sendo fundamental para formação da humanidade, ao mesmo tempo são os que mais tiveram a história deturpada e apagada, e quando são citados em livros, são vistos somente como aqueles que eram escravos e animais, nunca como livres, fortes e acima de tudo humanos.

O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do patriotismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado constituiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. (NASCIMENTO, 1978, p. 49).

Como colocado por Nascimento, o preto no Brasil foi a base para tudo, o seu trabalho é que levantou o Estado Brasileiro, sem ele nada existiria. Foram das mãos dos africanos escravizados que saíram os frutos da riqueza material brasileira, que perversamente ficou apenas para uma aristocracia branca desfrutar, pois eles se consideravam os nobres que

mereciam e trabalhavam em prol da construção da grande nação brasileira, quando na verdade, a única coisa que faziam era garantir as condições de exploração e opressão do povo preto. Como dito nas palavras de Nascimento (1978, p. 50): “A nobilitante ocupação das classes dirigentes - os latifundiários, os comerciantes, os sacerdotes católicos - consistia no exercício da indolência, o cultivo da ignorância, do preconceito e na prática da mais licenciosa luxúria”.

Foi com essa base intelectual que o Brasil foi formado e com o conturbado fim da escravidão, devido a pressão de outros países para a implementação do capitalismo e a luta interna dos escravizados, que a elite branca tomou as medidas necessárias para que a história fosse contada apenas por uma perspectiva dominadora e racista. Nas palavras de Gonçalves (2018, p. 517) encontraremos a seguinte explicação “Num país cujo destino era ser branco e capitalista, os (as) trabalhadores(as) negros(as) foram exorcizados(as) da comunidade nacional e viram-se às margens de direitos sociais básicos.”

Seguindo esta linha de raciocínio podemos dizer que o racismo por ser estrutural, é político e também, um processo histórico, pois o preconceito e a discriminação ocorrem de acordo com as peculiaridades de cada local, e também fazem parte de um plano iniciado a séculos atrás com o colonialismo, para que o grupo hegemônico dominante branco prevalecesse sobre os demais não brancos, através da alienação, destruição cultural e tentativa de silenciamento. Este movimento que ocorreu através do colonialismo, dessa estratégia de silenciamento, destruição cultural e alienação pode ser considerado uma forma de assassinato da cultura dos povos dominados, ou seja, ocorre um *epistemicídio*.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Em outros termos, o epistemicídio demonstra a perseguição do dominador para o com o dominado, mostra que a classe dominante racista interfere em vários aspectos da vida das classes subalternas, como na educação, autoestima, poder econômico, modo de aprender e se expressar, de agir e sentir. Em resumo o assassinato não é só cultural, mas também vital, de

forma que as mesmas se sintam inferiorizadas intelectualmente e espiritualmente, ocorre um processo de deslegitimação de tudo aquilo que se refere a cultura preta, digamos que tudo que se liga ao preto não serve ou não presta, até que o branco ache um jeito de tirar proveito daquilo e apague, ou tente apagar, o que tinha de cultura negra ali, para fingir que foram das classes dominantes que surgiram determinadas ideias, e esse movimento levou ao que chamamos de *apagamento histórico da cultura negra*.

E isso não é de hoje, desde a época dos quilombos, há a perseguição e execução do povo que neles habitavam, pois o modo em que se desenvolviam como sociedade era diferente do modo em que o colonizador racista e seu sistema se desenvolviam. Neste sentido foram realizadas inúmeras tentativas de apagamento histórico, e em contrapartida existiram sempre aqueles que se opuseram a essa tentativa de deixar o povo negro sem história.

Conforme o tempo passou e as lutas por direitos iguais foram se intensificando, emergiram algumas conquistas dessa resistência, como a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que faz com que no ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

O mais interessante a destacar sobre essa conquista é que depois de muitos anos, sendo excluídos à margem, considerados os vilões da sociedade capitalista, foi possível conseguir uma conquista por escrito, registrada em Lei, conquista pela qual não pode ser ignorada e nem esquecida, pois a Lei nos garante que é necessário que ensinem sobre as lutas e histórias que nossos ancestrais deram as vidas para proteger. Porém, a luta não para por aí, com o passo institucional dado o próximo é pensar em quem assume o ensino desta história, como ela será passada, quem estará na sala de aula para aprende-la, quem serão as pessoas que terão acesso a este conhecimento, e quem ocupará as cadeiras das instituições para que essa não fique somente no papel, mas de fato faça a diferença no cotidiano.

Sendo assim, cabe a nós, ao povo preto, buscar medidas de luta antirracistas, estudar cada vez mais nossa própria história e nossos intelectuais, ocupar espaços importantes na sociedade e no mercado de trabalho, buscando sempre a união entre os nossos, para que juntos possamos avançar e refletir sobre nosso papel no mundo, pois como descrito por Almeida

(2019, p. 43) “Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer o indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista.”

Dito isso, é dever da nossa geração descolonizar o saber, mostrar que os leões também tem muita história para contar, não se contentam com pouco e sempre estarão prontos para bater de frente com todos os caçadores que tentam deturpar nossas histórias e dividir nosso bando para tentar nos conquistar com seu jogo sujo e cruel, porque afinal, como diz Racionais MC's (2002) “Seu jogo é sujo e eu não me encaixo, eu sou problema de montão, de carnaval a carnaval, eu vim da selva, eu sou leão, sou demais pro seu quintal”.

E assim com o pensamento além do imaginário racista, e fugindo dos quintais ideológicos e culturais que querem nos prender, poderemos quebrar com o colonialismo, para reverter a situação que o epistemicídio nos colocou, quebrando o silêncio que é imposto a nós e que também tentará ser imposto aos nossos filhos, pelo sistema hegemônico dominante estrutural racista, pois como diz Emicida (2015) “Gente, só é feliz, quem realmente sabe que a África não é um país, esquece o que o livro diz, ele mente, ligue a pele preta a um riso contente!”

3 HIP HOP: o grito daqueles que sobrevivem

*“Nós somos negros não importa o que haja
O ritmo é nosso, trazidos de lá
Das ruas de terra sem luzes e pá”*

Dexter e Mano Brown, Eu Sou Função (2005)

O Hip-Hop começava a ser gestado na Jamaica, em meados da década de 1960, a população se reunia em volta de carros de som chamados, “Sound Systems”, no qual alguns integrantes daquela população falavam (muitas vezes rimando) ao microfone sobre os problemas socioculturais, econômicos e políticos que estavam passando, e esses recebiam o nome de “Toaster”. Com a necessidade de emprego, os jamaicanos partiram para os Estados Unidos da América em busca de oportunidades, e lá, especificamente na região do Bronx, em contato com outras culturas ajudaram a moldar o que hoje conhecemos como a cultura Hip-Hop.

O Hip-Hop nasceu em meados de 1970, nas periferias americanas, povoadas principalmente por indivíduos de origem africana, caribenha e latina, com intuito de unificar a população que estava dividida e guerreando entre si, devido a guerra de gangues, gerada pelo grande abandono estatal e por todas as expressões da questão social (relações de capital X

trabalho) que permeiam os problemas daqueles que eram considerados marginais, mas que na verdade só estavam à procura de emprego e melhores condições de vida, e muitas vezes só se agrupavam em gangues para poder sobreviver em um cotidiano caótico e violento.

O Hip-Hop é composto por 4 elementos o Grafite/Pichação, os B-boys com a Break Dance (Dança de rua), os Disc Jockeys (DJ's) que comandam os toca discos e as melodias, e os Mestres de Cerimônia (MC's) que são responsáveis por compor letras poéticas e encaixar no ritmo certo com a melodia produzida pelo DJ, assim criando o elemento abordado por essa pesquisa: o RAP (Ritmo e Poesia).

No início, o primeiro elemento a surgir segundo Herschmann (2005, p. 21) foram os "DJ's que como o jamaicano Kool-Herc e seu discípulo Grand Master Flash começaram a dar festas no gueto do Bronx (NY), utilizando-se de técnicas que posteriormente se tornaram fundamentais para este tipo de "música eletrônica". Esses dois foram fundamentais para o início da cultura, pois criaram novas técnicas de fazer a música acontecer, sendo algumas delas a introdução dos sounds systems, mixadores, e um técnica descoberta inesperadamente que seria muito usada o scratch (arranhar o disco), além da repetição dos trechos de bateria que serviriam de base para o Mestre de Cerimônia (MC) improvisar rimas, esse improvisado em forma de poesia, que seguia o ritmo da batida arrastou milhares de pessoas para frente das caixas de som e assim aos poucos foi surgindo o Hip Hop e suas festas.

Visto que os sons e festas estavam dando certo, principalmente no quesito de atrair os jovens para algo que não fosse a violência que estava nas ruas, outro grande nome surge, Afrika Bambaataa, que era o apelido dado a Kevin Donovan, que se tornaria um dos mais importantes nomes da cultura Hip Hop, que inclusive foi o criador deste nome:

O termo Hip-Hop foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa em 1978, sendo hip (saltar) e Hop (movimentar os quadris), foram os termos utilizados para designar um contexto de festas nos guetos, e ascensão da cultura aos centros urbanos dos EUA. (PONCIO, 2014, p. 24).

Desta forma, Afrika Bambaataa não só nomeou uma cultura como também começou um trabalho expressivo em sua área, na tentativa de tirar os jovens da criminalidade e lhes apresentar a música como alternativa, porque antes de se envolver com a música, o mesmo foi líder de uma das maiores gangues que existiam em seu bairro, e como conhecia essa cruel realidade de perto, decidiu tomar uma decisão que causaria um grande impacto na cultura estadunidense e mundial, como líder transformou sua gangue em banda, e assim foi criada a Zulu Nation, que posteriormente daria origem a ONG Zulu Nation, que tinha como intuito,

mudar o pensamento violento e autodestrutivo das gangues nova iorquinas, através dos elementos da cultura Hip Hop.

Outros dois elementos também se fizeram importantes, o Breaking Boy (B. Boy), que seria o garoto que dança no break (produzido pelo DJ), mudou o jeito em que os jovens usaram seus corpos, porque ao invés da troca de socos e facadas nas disputas violentas por territórios, esses garotos marginalizados, se envolveriam apenas em disputas de quem dançava melhor, por isso Pôncio (2014, p. 24) afirma “A dança substitui as armas nos duelos de B. Boys”.

O grafite/pixo, a arte de preencher espaços vazios, também não ficou para trás em termos de importância, pois é dela que surge o termo Tag (assinatura) que, como exemplifica Pôncio (2014, p. 25), “Surgindo de tal forma, começa uma verdadeira guerra entre pichadores, a fim de verificar quem conseguia pintar nos lugares mais difíceis”. O que era para ser somente um jeito de marcar território e colocar códigos nas ruas, que não fossem descobertos entre grupos rivais, torna-se uma maneira de mostrar para o mundo que as pessoas dos guetos, becos e vielas existem. “Em um Bronx, onde os nativos valiam pouco mais que nada para os herdeiros dos colonos, era urgente gritar “eu estou aqui!”.” (EMICIDA, 2016, p. 6).

A mescla de mil informações, em uma cultura que tem o sampler como forma de reverência aos que vieram antes, fez a salsa encontrar-se com movimentos acrobáticos e desenvolver o break, que já bebia na fonte do grande MR Dynamite. Quebrar as leis dos homens era fácil, mas, após o violento período de reinado das gangues, o lance se tornou desafiar a lei da gravidade, disparar com palavras, marcar com spray e chocar com scratches. (EMICIDA, 2016, p. 6).

Assim, as rivalidades que antes geravam mortes, passaram a gerar músicas de qualidade, rimas de alto nível, passos de dança cada vez mais ousados e desenhos cada vez mais elaborados, colorindo os muros cinza de uma Nova York violenta e segregadora, com as mais diversas cores, significados e formas de existir e resistir, desafiando aqueles que não queriam nos ver vivos, e mostrando que com as diferenças em sinergia, e a mescla de todas as informações que elas nos permitem acessar, do Bronx, iniciou-se um movimento revolucionário que mudaria a forma dos povos periféricos se expressarem em todos lugares do mundo, mesmo tendo poucos recursos.

Quando os jovens do Hip-Hop se reúnem para ver quem dança, desenha, compõe, canta melhor, ou é o DJ mais habilidoso, vemos o coração do movimento, pois essa competição é algo positivo ao incentivar uma atitude constante de criação e de invenção a partir de recursos bastante limitados. (PIMENTEL, 1997, p. 9).

Em outras palavras, o Hip Hop surge como um movimento jovem para os jovens pobres, feito de pessoas que compartilhavam dos mesmos sentimentos, aflições, ambições, contradições e esperanças de mudar sua realidade para um mundo melhor, sem violência e sem preconceito. Nas palavras de Pimentel (1997, p. 8) “O rap surgia num meio de pobreza, mas de gente criativa que inventava mais uma vez a alternativa para continuar a ter momentos de alegria, diversão e arte”. O Rap é a música de quem não tinha quase nada, cantando esperança e coragem para quem precisava de muita força e resistência para viver, então como define Pimentel (1997, p. 8): “Assim aparece o estilo que é a essência da música, o ritmo, junto à essência da alma, a poesia. Rhythm and Poetry é o Rap.” Dessa forma, não demorou muito para que os rappers, dançarinos, DJ’s e grafiteiros percebessem que tinham os mesmos desejos, e unidos como um só movimento tinham os mesmos objetivos: sobreviver e mostrar ao mundo que o gueto tem voz!

Efetivamente os jovens inseridos na cultura, depois de ficarem completamente apaixonados por ela, passaram a organizar as primeiras associações na comunidade voltadas para o Hip Hop, com as metas de passar adiante os valores culturais dos 4 elementos da mais nova vertente da música negra, para que assim o movimento se tornasse cada vez mais estruturado e organizado.

Já em território brasileiro, a quebrada começava a se manifestar, no começo dos anos 1970, com os chamados Bailes Black, que eram embalados pelas batidas do Soul e do Funk, estilos musicais criados também pelos pretos estadunidenses, tendo como alguns dos grandes nomes: Al Green, Stevie Wonder, Marvin Gaye e James Brown, todos conhecidos por elevar a autoestima e a beleza negra como grito de guerra. Este último tinha uma famosa frase em uma de suas músicas que exemplificava literalmente esse grito "Say it loud: I'm black and proud!" (Diga alto: sou preto e tenho orgulho disso!) (BROWN, 1968).

Naturalmente esses bailes que ocorriam nas periferias, principalmente na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, devido ao grande sucesso começavam a arrastar milhares de pessoas, chegando a colocar em clubes cariocas mais de 15 mil indivíduos, o que chamou atenção nacional e principalmente da mídia que denominou esse movimento como Black Rio, e este também foi perseguido pela ditadura militar da época, que assombrava principalmente as classes mais baixas, a qual usariam a desculpa de que movimentos de esquerda estariam por trás dessas festas, para bater, impedir, prender e reprimir aqueles que frequentavam os bailes (em sua maioria pretos e pobres de comunidades), porém a grande verdade como caracteriza Pimentel (1997) é que ”o despontar do orgulho negro incomodava o poder”.

Com o tempo, no Rio de Janeiro, o soul/funk foi sendo substituído por outro ritmo chamado Miami Bass, que mais tarde se tornaria o Funk Carioca, que mesmo sendo outra forma de expressão cultural riquíssima das favelas, aos poucos foi perdendo o teor político que tinham os Bailes Black, mas não deixando também de ser arte e levar resistência e orgulho para as comunidades.

Já em São Paulo em meio a um cenário político truculento, Estado extremamente repressor e um alto índice de violência, o teor político dos bailes e a influência do Black Rio abriram espaço para o início da cultura Hip Hop Nacional, que diferente dos Rap's norte americanos viriam como um teor extremamente político e revolucionário, sempre batendo de frente com o sistema vigente e evitando aparecer ou se promover pelas grandes mídias comuns, pois começou a se formar tendo como passado recente a ditadura, que deixou o cenário das ruas periféricas extremamente caótico.

Extermínio, confinamento em massa e segregação territorial se tornaram meios tolerados para a proteção contra os inimigos dos trabalhadores e “cidadãos de bem”. Essa máquina de guerra também produziu injustiças, homicídios, desordem, imprevisibilidade, raiva e revolta nos grupos vistos como desconfiança pelo sistema, principalmente os jovens e pobres. (MANSO; DIAS, 2018, p. 125).

Por isso, o movimento Hip-Hop brasileiro se diferencia do norte americano, mesmo sendo “importado”, pois as condicionalidades em que ele surge aqui, são diferentes econômica, social e culturalmente, tendo influências do nosso período histórico e dos nossos processos de luta, mas também se identificando em alguns pontos, pois o alvo do sistema estrutural racista era, e ainda é, o mesmo, e conseqüentemente esse mesmo alvo se manifestaria também. Nas palavras de Manso e Dias (2018, p. 124) “Com o processo desordenado de ocupação das cidades, a violência foi ferramenta usada para tentar “proteger” a população urbana do crime e dos “bandidos”.”

Em outros termos, a sociedade criou um personagem mal e cruel que ameaçava a todos, os “cidadãos de bem”, com seu modo de viver, jeito de falar, andar, e nas palavras de Manso e Dias (2018, p. 124): “Esses novos personagens seriam usados pelas metrópoles para a criação de estigmas associados ao endereço, classe social, cor da pele, gênero e idade.” Dessa forma, estava declarada a guerra, começaria um genocídio a todos aqueles com menos de 25 anos que residiam nos morros e tinham a pele escura. Entretanto, esses mesmos jovens não ficariam calados e se uniriam das formas que fossem necessárias para sobreviver, e é diante deste cenário que o Hip-Hop aparece na cidade de São Paulo.

O Hip-Hop surge na cidade de São Paulo por volta de 1984, no centro, na região da estação do metrô São Bento, onde pela primeira vez temos a manifestação do B Boy Nelson Triunfo, expondo passos robóticos e quebrados. (PONCIO, 2014, p. 26)

Com o Break sendo o primeiro pilar a se apresentar aos brasileiros, a cultura Hip-Hop que começou a se espalhar entre 1984 e 1990, nas praças, na Rua 24 de Maio, na estação de metrô São Bento, e onde fosse preciso levar mensagens de resistência e paz entre as pessoas de mesma classe social, nela os indivíduos que não tinham onde se amparar encontravam, e ainda encontram, pontos de força e um lugar de fala para expressar tudo o que quiserem, e mais que isso, se identificarem como cidadãos de direito.

E nesse cenário o Rap surgia como canto de improviso, guiado por sons feitos com latas, palmas e beat box (a imitação da batida das músicas com a boca). De acordo com Zeni (2004, p. 231) “No começo, por ser um canto falado, feito de improviso nas rodas de break, o rap era chamado no Brasil de “tagarela”.” Este nome foi dado na época devido a fala ligeira e alta em que o sujeito tinha que cantar para acompanhar as batidas improvisadas.

Um pouco mais adiante, no final da década de 80, após surgirem os primeiros grupos ou duplas de rap, e os envolvidos na cultura começarem a entender mais do assunto, ocorre a migração do improviso para o estúdio, e começam a ser lançados os primeiros discos, que devido à falta de dinheiro eram coletâneas de diversos estilos e grupos, que disputavam uma vaga para gravarem uma faixa ou duas, pois sair na coletânea daria uma certa notoriedade ao grupo. “Entre elas, destacam-se O som das ruas, Situation rap, Ousadia do rap, Consciência black (esta, já tinha presença dos Racionais MC’s) e Hip Hop – Cultura de rua.” (Zeni, 2004, p. 231).

Após esses lançamentos, na década de 1990, começa a se estruturar o chamado Rap consciente ou de mensagem, que traz críticas pesadas e diretas ao sistema, resgata o orgulho preto (inclusive incorpora e aceita essa palavra, preto, com orgulho), no modo de se vestir, falar, agir e convoca as favelas a pensarem sobre seus direitos básicos, suas condições de vida e a se verem como semelhantes, pertencentes a uma mesma classe de excluídos.

Alguns grupos começam a ganhar notoriedade ao longo do tempo, e conseguem através de muita luta, lançar seus álbuns solos que ficariam gravados eternamente na mente e no imaginário do povo brasileiro, ali na década de 90 surgiram os maiores nomes e grupos, que daquela data em diante se tornariam cada vez mais famosos, como por exemplo os grupos: Racionais MC's, RZO, Dj Hum e Thaide (considerados por muitos como os pioneiros no Brasil), Sabotage, Facção Central e etc.

Os Racionais MC's, citado acima, ao longo da trajetória do Rap, foram se tornando o grupo de maior destaque no Brasil, entre todos os grandes nomes que surgiram, de 90 até os tempos atuais, eles são considerados como os maiores nomes e referências do cenário nacional, mas para ser referência tiveram que se inspirar em outros artistas que vieram antes, e isso talvez seja uma das melhores e mais bonitas coisas que a música preta pode nos apresentar: a ancestralidade, que significa algo que se recebeu das gerações anteriores, algo que se refere aos antepassados, ou seja, é a força que se recebe dos que já não estão mais presentes, mas um dia lutaram e deixaram algo de valioso para que as próximas gerações tivessem uma base para crescerem fortes.

No Rap há algo chamado sample, que conforme Emicida (2016) “é uma forma de reverência aos que vieram antes”, e assim com o intuito de saudar nossos ancestrais, misturamos sons do passado com os do presente para serem ouvidos no futuro. Mesmo que às vezes não façamos ideia de que podemos influenciar muitas pessoas, como é o caso de James Brown, cantor de Soul e Funk, que com a semente que plantou lá nos anos 60, fortificou uma grande árvore que viria a se chamar Hip-Hop.

A música do James Brown influenciou o Rap no orgulho de ser negro, e na agressividade do funk, revolucionou os Estados Unidos, mostrou o orgulho negro pro mundo, mostrou como era bom ser negro de periferia e ouvir músicas negras, isso influenciou o Rap nacional e diversos artistas importantes dentro desse gênero, assim como Mano Brown e Dexter, que na música “Eu Sou Função” deixam explícitos o orgulho negro que surgiu quando escutaram a Black Music pela primeira vez.

Menino bom, mas pobre, feio, fraco, infeliz, só/Se sentindo pior, vários monstros ao meu redor/Com tambor de gás fiz mais cinquenta em jejum/Ódio do mundo, eu via em tudo filme do Platoon/No café, o açúcar com limão no abacate/Putá, eu olhei a blusa suja de Colgate/E se ser preto é assim, ir pra escola pra quê?/Se o meu instinto é ruim e eu não consigo aprender/Esfregando calças velhas, eu fiz as listras do tanque/Era um barraco sim, mas meu castelo era Funk/Folha seca num vendaval, um inútil/É morrer aos poucos, eu me sentia assim, tio/Eis que um belo dia alguém mostrou pra mim/ Uma reunião tribal, James Brown e Al Green/ Uau! "Sex Machine", o orgulho brotou/ Poder para o povo preto e que estale os tambor. (MANO BROWN; DEXTER, 2005)

Antes de entrar em contato com a música Black, neste trecho acima cantado por Mano Brown, é possível notar que ele se sentia só mais um preto no mundo, infeliz, fraco e só, com vários monstros ao seu redor: a baixa autoestima, a vulnerabilidade social e a fome. Em outro trecho dessa mesma música complementa dizendo “Eu vejo os pretos sempre triste nos cantos do mundão”. (MANO BROWN; DEXTER, 2005), pois é esse o sentimento passado pelo

sistema estrutural racista para as pessoas pretas, que nós não somos bonitos, não somos bem vistos e nosso “instinto é ruim” e não conseguimos aprender, no sentido de nos ver como animais, o que remete a fala da primeira seção sobre o olhar branco sobre nós, que projeta tudo de ruim que ele não quer para si no *outro*, no caso o corpo negro.

Portanto, o Rap tem essa identificação com o funk do James Brown porque ele traz o orgulho para o povo negro, e traz a ideia de que em meio a tanta violência, agressão, e ausência de condições básicas, o Rap fez e faz com que as pessoas possam se aliviar e se distrair, ao mesmo tempo em que refletem sobre as coisas que acontecem ao seu redor.

O rap vem com o poder de libertar, o poder de mostrar ao mundo que o preto não sucumbiu à repressão branca que tentava suprimir e assassinar sua cultura, muito pelo contrário sempre resistiu com a força de seus ancestrais trazendo estilos que ameaçam a cultura hegemônica dominante.

Quando Mano Brown e Dexter (2005) dizem que “o orgulho negro brotou” ao ouvir outros artistas pretos cantarem, sentiu a força de seus ancestrais, a força daqueles que morreram pra que nós pudéssemos conquistar tudo que já conquistamos em direitos. Precisamos dar continuidade em sua luta, pois com a ancestralidade ele se sentiu acolhido.

Isso que o Rap faz, acolhe e dá estrutura a todos que se interessam e respeitam essa cultura, oferece apoio para que essa pessoa sobreviva, dance, e tenha consciência de ser alguém que é importante só por ter nascido, faz também com que as pessoas desviem o ódio que estavam sentindo pelo sistema, para usar ele em favor da sua criatividade, o Hip-Hop explora a criatividade dos jovens, pois é na pobreza, na dificuldade, na adversidade, que acabam surgindo as ideias mais criativas, necessárias e assertivas, pois as pessoas que estão em situação de pobreza não podem se dar ao luxo de errar.

É da necessidade de mudar o mundo ao seu redor, a sua realidade, que vem a sagacidade, de criar e inovar para criar saídas do ambiente hostil e repressor que os povos marginalizados se encontram.

Devido a essa força que o Rap passa, mostra que independente da situação, como dizem Mano Brown e Dexter (2005) “nós somos negros não importa o que haja”, ou seja, temos que viver nisso, viver sobre isso, viver pra isso, temos que lutar por nós, e viver por nós, pois nas palavras de Emicida (2019) “tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”. E como diria a filosofia Ubuntu, muito citada por Emicida: “Eu sou porque nós somos”, pois o negro nunca é sozinho, o preto é plural!

O homem negro mesmo que seja apenas um, carrega um milhão de pluralidades dentro do seu ser, um milhão de memórias ancestrais que lutaram, sangraram e sobreviveram dentro dele. Portanto, um negro sozinho carrega mil sensações, mil sentimentos, cada pessoa residindo em uma favela, ou inserida em uma comunidade, tem mil universos dentro do seu próprio universo, dentro do seu próprio ser. O Rap é aquele que conversa com todos os universos, conversa com todas as culturas, e todos os povos, é a música dos oprimidos, que vem pra levantá-los, através dos ensinamentos de resistência, luta e coragem, é o som daqueles que foram exilados, mas não tiveram suas mentes e ideais presos, pois como está explícito nas palavras de Mano Brown e Dexter (2005) “exilados sim, presos não, com certeza, o rap me ensinou a ser quem eu sou e honrar minha raça pelo preço que for”.

É por isso que os Racionais MC’s (1997) afirmam que “Rap é o som”, ele é mágico, ele é vivo, o Rap é pulsante, como diriam Racionais MC’s (2013) está “no coração das quebradas percorrendo as artérias”, está em todas as veias, no sistema nervoso da comunidade, e segundo Racionais MC’s (1997) “vem pra sabotar o raciocínio, abalar o sistema nervoso e sanguíneo” de todo o sistema estrutural racista, porque o Rap é vida, desvenda o drama do preto, tenta desvelar as questões que estão sob a pele preta, e isso exige responsabilidade, como afirma Sabotage (2001) “o Rap é compromisso não é viagem”.

Compromisso com os nossos, que estão aqui, com os que já morreram e com os que ainda estão por vir, compromisso com o futuro, passado e o presente, ele não é viagem, não é pra agradar o opressor, nem se vender por dinheiro, não é feito pra fantasiar coisas que estão distantes de nós, é pra ser real, e mostrar através dessa realidade tudo que o preto pode alcançar, sem deixar de lutar pelos nossos.

O Hip-Hop é aquele que não se cala, quando todos os outros se calam, o Rap é a força da África passada de geração em geração, é aquele grito que ecoa desde a época que o branco europeu usou da crueldade e da maldade pra escravizar os corpos negros africanos, o ritmo junto com a poesia representam a força da África, seja ela em forma de repente, em forma de funk, o Rap é a mensagem, o Rap e o funk são os gritos dos pretos que sobrevivem, como dizem Mc Hariel e Mc Neguinho do Kaxeta (2020) “é a válvula de escape que muda as realidades sem fazer ninguém por ai sangrar!”

4 Profissão ancestral: uma análise sobre Mc's e DJ's como intelectuais orgânicos e djeli modernos

“Guerreiro, poeta entre o tempo e a memória”

Racionais MC's, Negro Drama (2002)

É necessário pensar que não seria possível a criação do Hip-Hop ou de teorias sobre o combate ao racismo, sem antes haver ciência de que isso ocorre, que está na realidade, e para que haja a compreensão de que somos afetados por esses fenômenos, precisamos antes de tudo ter consciência sobre eles e para isso, precisamos estar vivos para depois fazer o exercício de reflexão, nas palavras de Marx e Engels (2007, p. 32) “[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que todos os homens devem estar em condições de viver para poder 'fazer história’”. Ou seja, precisamos primeiro viver para depois pensar, e viver não é só respirar, é também beber, comer, morar, se relacionar com os outros a sua volta, e muito mais.

Vivemos em um mundo de contradições, em que o modo de produção capitalista se torna cada vez mais voraz e cruel, o que resulta em uma sociedade que valoriza mais as mercadorias do que a vida humana, existimos em um tempo desumano, de acúmulo exorbitante de capital por monopólios empresariais que geram uma massa gigantesca de pessoas extremamente vulneráveis e exploradas, dia após dia no seu cotidiano. Esse movimento de exploração ocorre tanto no campo material como no campo intelectual, pois para que esse sistema abusivo funcione, é necessário que os valores liberais sejam espalhados para a sociedade para que façam raízes nos pensamentos dos cidadãos.

Com as raízes estabelecidas, o liberalismo pode facilmente ser visto como sedutor e necessário, porém este sistema se demonstra insustentável, contraditório e hipócrita, e é por meio destas contradições, que o questionamento vai brotando na mente daqueles que não são favorecidos pelo sistema vigente, o que faz com que comecem a se identificar com outros que também vivenciam as mesmas condições, ou ausência delas. No meio das opressões diárias vividas por diversas pessoas que têm esse desfavorecimento em comum, é que surge uma inquietação que irá levar a reflexões de massa, e essas reflexões farão com que deixemos o individualismo imposto estruturalmente de lado. Isto possibilita uma mudança de olhar, o que era de um, se transforma de todos, ou seja, pulamos do Eu que têm fome e outras necessidades,

para o Nós temos fome e outras necessidades. Desta forma é que começa o despertar, a quebra da chamada alienação, ou seja, o começo do processo de tomada de consciência.

Nesse caso a consciência seria o processo de visualização daquilo que temos ao nosso redor, e a capacidade de assimilar internamente tudo que filtramos da realidade material, de acordo com o que acreditamos. Mauro Iasi (1999, p. 6) afirma que “a consciência é gerada a partir e pelas relações concretas entre os seres humanos, e destes com a natureza, e o processo pelo qual, em nível individual, são capazes de interiorizar relações formando uma representação mental delas”.

Em outras palavras, temos que estar vivos para refletir e para que haja reflexão de acordo com Marx e Engels (2007, p. 33) é preciso “a produção dos meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material”. Para reproduzir essa vida material é necessário que o homem se relacione socialmente, e partindo dessa relação ocorra o trabalho, pois através do trabalho, ocorre a cooperação de vários indivíduos, independente de qual for a condição ou a finalidade, e essa cooperação entre os homens gera modos de produção.

[...] um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou a uma determinada fase social – modo de cooperação que é, ele próprio, uma “força produtiva” –, que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem condiciona o estado social e que, portanto, a “história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas.”(MARX; ENGELS, 2007, p. 34).

Por isso, a produção de pensamento, de ideias e da consciência está ligada à atividade que se desenvolve no plano material, e no intercâmbio deste mesmo material entre os indivíduos, de acordo com Marx e Engels (2007, p. 93):

O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparece, aqui, como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual, tal como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. (MARX; ENGELS, 2007, p. 93).

Marx e Engels (2007, p. 94) ao dizerem que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”, afirmam tudo que foi dito anteriormente: só somos conscientes porque existimos, e depois pensamos o mundo ao nosso redor com as experiências materiais que acumulamos de acordo com o nosso processo de existir, com o caminho que traçamos ao nos relacionar com o mundo e com o que ele tem a nos oferecer.

Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera

consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente. (MARX; ENGELS, 2007, p. 35).

Sendo assim, só é possível termos consciência sobre o racismo porque, assim como os modos de produção está na sociedade, ele é estrutural, e a consciência sobre ele vem das relações de moral, nas leis, na linguagem política e também, principalmente do que as pessoas veem e concluem sobre o outro, baseado em sistemas de produção que estavam estabelecidos em determinadas épocas, como o sistema escravocrata e neoliberal.

O mundo contemporâneo é um mundo com uma multiplicidade de organizações e ações de sujeitos históricos e políticos, cuja unidade se constitui na prática política, construindo projetos coletivos, numa perspectiva de classe. Projetos estes capazes de enfrentar novas formas de exploração do capital sobre o trabalho nas sociedades contemporâneas onde não se aboliu a contradição de classe, pelo contrário, onde se verifica uma crescente afirmação das classes e da luta de classes (CARDOSO, 2005, p. 1).

Vivemos em uma sociedade capitalista, nela há divisão de classes e essa divisão traz consigo aqueles que dominam e aqueles que são dominados, a classe dominante usa da força e da ideologia para manter as classes inferiores subjugadas. A força vem através da repressão, da violência e das agressões físicas. Já a ideologia se espalha por meio do mundo das ideias, e essa ideologia tem que ser uma só, apenas um tipo de ideia pode circular, deixando as ideias de outras classes de fora, assim a ideologia e sua classe se tornam hegemônicas, ocupam os espaços físicos e espirituais, distribuem um único jeito de pensar, por todos os canais de comunicação possíveis, reprimindo sem hesitar quaisquer outras ideias.

E essa repressão de ideias, gera um processo chamado alienação, que funciona baseado em um senso comum, e que se dá geralmente na naturalização dos processos. Ou seja, achar que certas coisas que nos são impostas sempre existiram e sempre serão da mesma forma, como por exemplo, achar natural a venda da força de trabalho para sobreviver, fazendo com que nos curvemos a regras e leis extremamente abusivas que só beneficiam quem as fazem e por consequência mantém os mesmos no comando, o que nos deixa “naturalmente” em condição de dominados.

A realidade brasileira não foge a esse quadro e evidência de um lado, a força econômica e política da classe dominante – representada, em sua maioria, pelas frações ligadas às empresas – e, de outro, as classes subalternas, que, em seus movimentos e organizações, têm aglutinado: assalariados dos setores caracterizados como primário, secundário e terciário, ou seja, trabalhadores dos setores produtivo e improdutivo; os subempregados e desempregados eventuais; os trabalhadores em potencial, não incorporados ao mercado de trabalho; enfim, todos os segmentos que, não possuindo os meios de produção, estão sob o domínio econômico, político e ideológico das classes que representam o capital. (CARDOSO, 2005, p. 2).

Desta forma, criam uma única visão de mundo, a qual deve na teoria, ser seguida por todos, mas dentro de cada classe surgirão aqueles que pensam fora do que é imposto, esses são os intelectuais, aqueles que geram ideias e instruem os seus a pensar de maneira que não sejam manipulados pelo sistema hegemônico dominante vigente, ou que por meio das ideias tentam manter o sistema existente em vigor.

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. (GRAMSCI, 2001, p. 15).

Existem alguns tipos de intelectuais, dos quais três serão destacados a seguir: o primeiro é o tradicional que “seriam aqueles tipos de sujeitos que se ocupam somente com suas funções descritivas sem estabelecer qualquer tipo de compromisso ou responsabilização com a sociedade na qual vivem” (GRAMSCI, 1997, s.n *apud* SOLER, 2017, p. 542). Este é o tipo de intelectual que só irá reproduzir o discurso ideológico das classes dominantes e teria a tendência em ser conservador e manter sempre que possível um discurso voltado para a neutralidade e a ordem.

O segundo intelectual é o revolucionário que é ligado ao pensamento marxiano, este tem a intenção de instruir as massas, para que aconteça a derrubada do capital, que resultaria na instalação da ditadura do proletariado. Segundo Soler (2017, p. 542) “o intelectual revolucionário faz parte da ortodoxia marxiana, e sua proveniência remonta a passagem do final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, época de ouro do assim chamado positivismo marxista”.

Por último, porém não menos importante, o intelectual orgânico, aquele que vem das classes subalternas, que está sempre ligado à cultura de determinado local. É aquele que não se responsabiliza só por pensar as bases de atuação socialista (tomando os meios de produção), mas é também um pensador que de acordo com Soler (2017, p. 543) “procura despertar a consciência coletiva das classes oprimidas pelo capitalismo, pois o intelectual orgânico atua internamente ao sistema, buscando destituir ideologias em nome de uma nova concepção cultural emancipadora das massas”.

Em outros termos o intelectual orgânico busca lutar pela emancipação de seu povo, ele instrui os seus a lutar contra a hegemonia que nas palavras de Mari (2011, p. 2): “[...] hegemonia

compreendida como direção moral e direção política de uma classe quando toma o poder (ou não) sobre as classes concorrentes e aliadas”. Para que essa tomada de poder aconteça é necessária uma luta, mas não uma luta qualquer em um campo de batalha físico, e sim no: intelectual, batalha no campo das ideias, no âmbito da superestrutura, que como define Soler (2017, p. 544) “a superestrutura é a estratificação de aparatos ideologicamente construídos segundo os desdobramentos do sistema capitalista”.

Dessa forma, o intelectual orgânico é aquele que tem a capacidade de ser a ponte para que o conhecimento, a crítica do pensamento chegue aos indivíduos, que por diversas barreiras impostas pelo sistema excludente, não tem tempo para a reflexão, mas com a orientação certa enxergarão todas as contradições do sistema vigente, pois Mari (2011, p. 2) afirma que: “as camadas sociais possuem seus intelectuais, uns sendo profissionais, outros inclusos nesta categoria apenas por participarem de determinada visão de mundo”.

Sobre a função de intelectual orgânico, Gramsci (1989 *apud* MARI, 2011) afirma como tese central que os intelectuais são um grupo social autônomo, com uma função social de porta-vozes dos grupos ligados ao mundo da produção. Neste sentido, o intelectual é o porta-voz e o guardião da cultura daqueles que são explorados pelo modo de produção capitalista, aqueles que estão às margens da sociedade e saem todos os dias das periferias para trabalhar nos grandes centros, para fazer esse mesmo sistema funcionar. O intelectual é aquele que instrui, fortalece e ensina os seus a lidarem com toda uma ideologia burguesa que inferioriza seu modo de ser e se relacionar.

Dito isso, é preciso notar que, uma das maneiras de lutar no campo das ideias é expressar seus sentimentos e convicções de uma maneira que as pessoas que convivem ao lado possam sentir, entender e absorver, e que forma melhor de conquistar as pessoas senão pela fala? É ela, que nos liga como seres humanos de uma mesma cultura, e assim como afirma Martins e Pinheiro (2013, p. 1) “As atividades comunicacionais ligadas à transmissão oral estão presentes nas relações humanas históricas em diversas sociedades, seja com fins noticiosos, educativos, lúdicos ou na transmissão de tradições culturais”.

Da Europa medieval aos impérios feudais africanos e asiáticos, a oralidade sempre possuiu forte respaldo social, político e religioso, pois o manejo hábil das palavras era considerado uma espécie de dom e, quase sempre, os signatários desta graça eram pessoas comprometidas com a verdade, com as tradições e divindades de seu povo. Havia uma grande preocupação na fidelidade dos fatos transmitidos e a manutenção da palavra era questão de honra – algo de importância maior que a própria vida. (MARTINS; PINHEIRO, 2013, p. 1-2).

É por meio de histórias contadas por homens e mulheres ao longo do tempo, de geração em geração, que a cultura de diversos povos foi sendo mantida viva, mesmo que passassem por tentativas de destruição ou deturpação. Um grande exemplo dessa resistência são os povos africanos que foram escravizados e protegeram sua cultura através da oralidade, trabalho esse de grande responsabilidade que geralmente ficavam incumbido aos mais velhos e sábios.

O nome dado a esses guardiões da cultura e do saber segundo Martins e Pinheiro (2013, p. 2) “[...] na região onde se situa o Mali, os detentores e transmissores das tradições culturais, por meio da oralidade, são conhecidos com *djeli*, mas foram nomeados com *griots* pelos colonizadores franceses.” Estes eram considerados, assim como dito acima, os possuidores de um saber único e depósitos da cultura e da memória social das diversas tribos e grupos étnicos a que cada um pertencia, “atuando como artistas, mediadores e noticiadores, numa sociedade que valoriza e respeita indivíduos idosos, por estarem mais perto dos ancestrais.” (MARTINS; PINHEIRO, 2013, p. 2).

Noticiadores, os griôs relatam fatos e acontecimentos e os compartilham com outras localidades, por meio da oralidade, além de transmitirem saberes e conhecimentos provenientes de outros períodos históricos. São também líderes comunitários respeitados, com grande reconhecimento e executam funções de diplomacia junto a outros grupos sociais. Todas estas características posicionam os griôs num papel social que vai do intelectual orgânico, de Antônio Gramsci, ao agente folkcomunicação, de Luiz Beltrão. (MARTINS; PINHEIRO, 2013, p. 2).

Em outras palavras, são os portadores e anunciadores dos conhecimentos sobre a vida tanto material como espiritual, trazem consigo normas sociais, mitos e lendas. Inspirados nas sociedades e comunidades a que pertencem, eles que mantêm o organismo cultural da população circulando, mantêm a vida pulsando, não à toa a tradução para o termo *djeli* (que em outros dialetos africanos também pode ser chamado de *Dieli* ou *Jeli*) que significa sangue, ou seja, aquilo que circula para manter o organismo funcionando.

No Brasil, país com uma forte ancestralidade africana, é natural que a oralidade seja um ponto forte de nossa sociedade, aqui também existem indivíduos que podem realizar a função de agentes culturais, e desempenhar diversos papéis nas comunidades, sempre refletindo sobre os problemas do cotidiano local, tendo consciência de que as comunidades, grupos culturais étnicos estão sempre em constante mudança, assim como na sociedade em que vivem.

Como o sangue, eles circulam pela sociedade gozando de “uma imagem social e política de grande reconhecimento, entre as comunidades, por seu saber, sua arte e seu compromisso com a palavra, com a verdade, com os ancestrais e com o divino” (AMADOU HAMPÂTÉ BÂ, 1982, s.n *apud* MARTINS; PINHEIRO, 2013, p. 7).

Para representar os Griots modernos é preciso provocar o pensamento crítico e reflexivo, se adaptar a condições adversas, resistir e lutar contra o sistema capitalista excludente tendo acima de tudo compromisso. E como já diria Sabotage (2001): “o rap é compromisso não é viagem”, por isso os *djelis* atuais seriam os Mestres de Cerimônia (MC’s) e os Disk Jockey (Dj’s), pois são eles que estão inseridos dentro das comunidades, fazem parte dela, de sua cultura e de seus interesses políticos, e por consequência precisam manter o compromisso com a verdade, com a palavra, pois o sistema sempre irá produzir alienação, que se não detectada pode gerar deturpações acerca de quem somos e como nos relacionamos, como por exemplo: a falsa ideia de que os povos independentemente da cor, classe e gênero vivem em harmonia.

Por isso o Hip-Hop sempre exige conhecimentos históricos sobre a cultura, é comum que referenciem através dos Samples, seus ancestrais, pois o Hip-Hop é uma forma de manifestação da ancestralidade, da história e principalmente do questionamento do porquê certos pensamentos levaram a determinados processos históricos, como por exemplo a escravização de corpos negros. Portanto, deste ponto de vista, trataremos o MC e o DJ como “representantes da ancestralidade africana no Brasil e responsáveis pela manutenção e transmissão dos saberes e tradições culturais populares, os Mestres e os Griôs.” (MARTINS; PINHEIRO, 2013, p.1).

5 Dados que revelam privilégios: caminhos da pesquisa

O tipo de pesquisa utilizada foi bibliográfica, ao longo do texto foi feito um levantamento sobre as letras escolhidas e textos científicos que guiaram a pesquisa, a qual se configura também como uma pesquisa qualitativa. Segundo Martinelli (1994), a pesquisa qualitativa proporciona uma análise da realidade através da utilização de técnicas e métodos que possibilitam uma melhor compreensão do objeto a ser estudado, sendo necessário trabalhar de modo mais profundo e não apenas superficial, compreendendo que os sujeitos estão inseridos em relações sociais, neste contexto “não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que esses sujeitos têm em função do que estamos buscando com a pesquisa.” (MARTINELLI, 1999, p. 24).

Também houve a realização da pesquisa de opinião, e o instrumento utilizado para que ela pudesse ser desenvolvida foi o questionário online. Segundo Gil (2008), pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores e comportamento presente ou passado.

Devido a pandemia do Covid-19, foi necessário repensar como agir para aplicar um questionário, dentre as opções, a melhor forma de evitar contato físico e aglomeração foi fazer um questionário online, com o intuito de alcançar uma boa quantidade de pessoas, de maneira segura e responsável, caracterizando uma pesquisa de opinião.

Após concluída a confecção do questionário, o mesmo foi aplicado ao público alvo desta pesquisa via internet por um link disponibilizado nas redes sociais, o mesmo ficou disponível de janeiro a fevereiro de 2021, para a coleta de respostas.

O questionário teve como alvo o público periférico, de 18 a 60 anos que tiveram contato com o Rap ao longo de suas vidas. Para que os dados coletados na pesquisa fossem melhor aproveitados, dividimos a análise das respostas em categorias, sendo elas: consciência, identidade e representatividade, acesso e Serviço Social.

Na categoria consciência será debatido sobre como o Rap pode nos revolucionar internamente, para que as questões que cercam nosso cotidiano sejam melhor compreendidas. Na categoria de identidade e representatividade foi explicitado como é importante ter pessoas emancipadas, física e intelectualmente, para se identificar e representar, partindo do pressuposto que estas pessoas compartilham das mesmas vivências e pertencem à mesma classe social.

Assim, a categoria acesso discute o Rap como uma forma de educação, o Rap como uma das primeiras escolas para a vida, visto que a música chega com maior facilidade a lugares ilhados pela segregação e o abismo social. E por fim, a categoria que debate o Serviço Social, que traz como a profissão pode aprender com o Rap, para que com essa união o trabalho do assistente social seja potencializado e se torne mais crítico e emancipatório.

Como o questionário não possui campo de identificação, foram escolhidos alguns nomes para representar a fala dos participantes, porém estes não são nomes aleatórios, mas sim de jovens que perderam suas vidas em ações violentas da polícia militar nas comunidades brasileiras, com o intuito de que esses nomes não sejam esquecidos. Por fim, foram selecionadas letras do Rap nacional que em seu conteúdo destacam as expressões da questão social, que fazem com que o ouvinte reflita sobre a realidade posta ao seu redor.

A tabela abaixo trata da identificação dos participantes da pesquisa e nela podemos entender como se definem e quais as características das pessoas alcançadas pelo questionário, o qual obteve duzentas e trinta e nove respostas. O que nos mostra qual o perfil das pessoas que têm acesso à internet, pois se tratando de uma pesquisa que ficou disponível a nível nacional, e com a população nacional sendo em sua minoria branca, podemos notar que pessoas pretas ou pardas têm menos acesso e que a periferia tem menos acesso ainda.

Tabela 1 - Perfil dos (as, es) participantes

Categoria	Número de participantes (239)
1 - Idade	18 a 25: 168 (70,3%) 26 a 30: 31 (13%) 31 a 34: 17 (7,1%) 35 a 40: 10 (4,2%) 41 a 44: 3 (1,3%) 45 a 50: 4 (1,7%) 51 a 54: 3 (1,3%) 55 a 60: 3 (1,3%)
2 - Autodeclaração	Branco: 109 (45,6%) Pretos: 70 (29,3%) Amarelos: 4 (1,7%) Pardos: 54 (22,6%) Indígenas: 2 (0,8%)
3 - Escolaridade	Ensino infantil: 0 Ensino fundamental: 1 (0,4%) Ensino médio: 84 (35,1%) Ensino superior: 151 (63,2%) Nenhuma das opções: 3 (1,3%)
4 - Identidade de Gênero	Cisgênero: 198 (82,8%) Transgênero: 1 (0,4%) Nenhuma das opções: 40 (16,7%)
5 - Orientação sexual	Heterossexual: 168 (70,3%) Bissexual: 49 (20,5%) Homossexual: 17 (7,1%) Nenhuma: 5 (2,1%)
6 - Mora ou já morou em comunidades/periferias?	Não: 151 (63,2%) Sim: 88 (36,8%)
7 - Participantes por estado	São Paulo: 158 (66,11%) Minas Gerais: 52 (21,76%) Sergipe: 9 (3,77%) Bahia: 5 (2,9%) Tocantins: 4 (1,67%) Rio de Janeiro: 2 (0,84%) Distrito Federal: 2 (0,84%) Alagoas: 2 (0,84%) Amazonas: 1 (0,42%) Pará: 1 (0,42%) Paraíba: 1 (0,42%) Paraná: 1 (0,42%) Piauí: 1 (0,42%)

--	--

Fonte: Pedro Henrique de Oliveira Tessarin, 2021.

No item que corresponde à idade dos participantes, notamos que a maioria dos participantes são jovens entre 18 a 25 anos já familiarizados com a tecnologia. Quando se trata da autodeclaração, a maioria dos participantes desta pesquisa, se autodeclararam brancos, com acesso ao ensino superior, sendo a maioria cisgênero e heterossexual, deixando evidente que o público alvo não foi o mais alcançado por essa pesquisa, mesmo levando em consideração que a pesquisa teve uma abrangência nacional, pois foram coletadas respostas de 13 estados, tendo maior participação da região sudeste.

Pela identificação dos participantes é notável que a segregação que a periferia sofre não mudou, o que mudou foi a forma com que ela ocorre, se antes éramos excluídos do espaço físico, hoje também somos excluídos dos espaços virtuais, o que gera uma falta de informação e ensino, pois em tempos de distanciamento social é de extrema importância ter acesso ao mundo online, e quando vemos que o acesso é mais fácil para quem é branco e jovem, fica fácil entender o porquê da maioria dos entrevistados terem ensino superior e não morar em periferias. Esses dados de identificação mostram com um certo grau de precisão que os pretos, pardos, amarelos e indígenas estão em desvantagens aos brancos quando se trata de acesso à informação, internet e consequentemente da educação.

5.1 Consciência: o Rap como uma ferramenta para leitura da realidade do contexto de quem o escuta

2 de novembro era finados, eu parei em frente ao São Luís do outro lado, e durante uma meia hora olhei um por um, e o que todas as senhoras tinham em comum: A roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura, colocando flores sobre a sepultura, (Podia ser a minha mãe) que loucura.

Racionais Mc's, Formula Magica da Paz (1997)

Somos seres que podem ou não ser conscientes, sendo assim nas palavras de Marx e Engels (2007, p. 35) “A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente.” Para nos tornarmos conscientes é necessário que possamos entender o mundo exterior ao nosso redor, antes disso, precisamos interpretar a realidade em que vivemos.

Sendo assim, a pesquisa nos mostra a importância do ritmo e poesia para a interpretação da realidade dos questionados, fica explícito a importância das músicas da cultura HIP-HOP para a interpretação da realidade, pois quando perguntados 93,3% acreditam que as músicas de Rap auxiliam na interpretação da realidade, enquanto apenas 6,7% dizem que não. O que pode caracterizar os Mestre de Cerimônias (Mc's) como já dito em outra seção, em que se discutiu o intelectual orgânico, que segundo Reis e Rothen (2018) é um tipo de intelectual que desenvolve a construção da consciência crítica dentro de seu bloco cultural. Portanto, as músicas desenvolvidas são manifestações culturais de grupos periféricos para os grupos periféricos, criadas por alguém que entende sua linguagem e seu modo de viver, e que está inserido em seu meio, neste caso o MC.

Para uma maior precisão sobre o Rap como forma de reflexão acerca da realidade foram realizadas mais algumas perguntas, dentre elas há duas que se complementam, a primeira: O Rap ajudou a entender o mundo ao seu redor?

É demonstrado que 95% das pessoas responderam “sim”, e para os que deram essa resposta positiva, foi realizada uma segunda pergunta: “De que forma o Rap te ajuda a ver o mundo ao seu redor?”. Sendo assim, foi possível coletar uma grande diversidade de respostas que mostram a visão dos entrevistados sobre esse tema, a seguir algumas de maior destaque:

Me ajudou a entender que há várias realidades diferentes no mesmo ambiente e você precisa respeitá-las, independente. E de entender que por mais que o mundo seja sujo, de várias maneiras, o espírito coletivo tem que prevalecer, RAP é união. (informação verbal³).

O rap é o gênero de música que tenho mais ouvido ultimamente, ele trata da realidade de muitas pessoas e de vários gêneros, fala sobre amor, ódio e da realidade do país. Ele tem uma grande importância para mim, pois me faz abrir os olhos e pensar de uma forma diferente, que devo olhar para o outro com mais compaixão por que ele também está passando por uma luta (informação verbal⁴, 2021).

O rap me ajudou a compreender a mim mesmo como um morador de periferia e quais são as consequências de viver na margem. O rap possui um potencial de ativar a consciência de classe, cunhada por Marx (informação verbal⁵, 2021).

Antes eu acreditava na generalizada ideia da direita, de viés bolsonarista, de que bandido bom é bandido morto. Mas depois que comecei a ouvir Racionais, comecei um questionamento, fui atrás de vídeos sobre o tema e tudo mais, e vi que tinha muita

³ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: João Pedro, menino preto de 14 anos, morto pela polícia em uma operação das polícias Federal e Civil, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo/RJ, enquanto brincava com colegas.

⁴ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Ágatha Vitória, menina preta de 8 anos, alvejada por um disparo efetuado pela Polícia Militar, na comunidade chamada Fazendinha, no Complexo do Alemão, na Zona Norte/RJ.

⁵ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Kauan Peixoto, de 12 anos, veio a óbito logo após ser baleado durante operação da Polícia Militar na comunidade da Chatuba, em Mesquita/RJ.

coisa errada na minha visão, deturpada pela visão de cima da mídia (informação verbal⁶, 2021).

Me mostrando a forma de como as coisas acontecem, que não é por uma forma aleatória ou divina saca?! Eu não tô aqui, no berço da miséria, por um acaso ou pq Deus quis. Existe toda uma história, um contexto! (informação verbal⁷, 2021).

Pelas respostas, percebemos que esse estilo musical muda a visão de mundo de muita gente, traz para a reflexão dogmas, preceitos, quebra de pré-conceitos sobre diversos assuntos, inclusive sobre si, faz com que as pessoas despertem para realidades que antes passavam batidas em seu cotidiano e para sua própria realidade interna, trazendo reflexões sobre sentimentos e atos implícitos em nós, “Mostrando que mesmo a ‘realidade ao redor’ é percebida pelos indivíduos de distintas maneiras, uma vez que ‘a realidade’ se apresenta num leque de oportunidades e acessos histórico e estruturalmente desiguais.” (informação verbal, 2021).

O Rap ativa a consciência de classe, atua no campo das ideias, desconstruindo e combatendo ideologias das classes dominantes, que por sua vez, são nocivas, e quem as carrega muitas vezes não tem nem ideia disso. O movimento Rap/Hip-Hop conforme se expande cria caminhos para reflexão, a quem escuta, a quem vive o que é falado e até a quem escreve e canta, este último, fator importante, pois gera maior identificação por parte de quem escuta, o que na visão de (informação verbal, 2021) vai acabar “Causando grande reflexão, por identificação, pois muitos artistas vem de uma realidade parecida”, e já passou por situações similares a dele. Ou seja, para romper esse domínio hegemônico da classe dominante é necessário uma formação política, cultural e ideológica diferente da imposta pelos dominantes, é preciso um projeto concreto, que impulse as lutas dos subalternos e faça transformações profundas na sociedade.

Desta forma, segundo Cardoso (2005), é necessário a criação de um núcleo que seja capaz de desenvolver uma política pedagógica e que concretize a participação das massas, que pela prática concreta, alcance a consciência da necessidade de quebrar seus limites e, de forma organizada, construir novas relações hegemônicas. E esse núcleo, pelo observado nas respostas, é o Hip-Hop, mas especificamente aqui nesta pesquisa o Rap.

⁶ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Douglas Martins Rodrigues, tinha apenas 17 anos, quando um disparo feito pela Polícia Militar o atingiu e o levou a óbito, no Jardim Brasil, zona norte/SP.

⁷ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Eduardo de Jesus Ferreira, de 10 anos, estava na porta de sua casa brincando com o celular, quando um policial disparou um tiro que o levou à morte. Fato ocorrido no complexo do Alemão, na zona norte/RJ.

Encaro aqui o Rap como uma ferramenta que auxilia na transformação da realidade, por isso um dos questionamentos sobre o Rap na pesquisa foi: “o Rap pode ser um meio para a transformação da sociedade? De que forma?”. Em 239 respostas, 238 foram positivas, na única negativa não houve explicação do porquê, então foram selecionadas algumas respostas que explicitam de que forma o Rap pode ser um meio de transformação da sociedade e qual sua influência.

O rap é uma forma de linguagem identitária que se propõe a refletir sobre várias temáticas dando voz a grupos historicamente marginalizados e, portanto, a sua existência é resistência e sinaliza caminhos para uma transformação social (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Afeta primeiro o indivíduo e sua visão acerca da sociedade. Ai nisso, a pessoa começa a repensar sua vida, sua cor, sua raça, o local em que vive, os amigos etc. Exemplo disso são as músicas do Racionais Mc's que mudou bastante a minha visão sobre a luta contra o racismo, sobre o Estado não apoiar, sobre a questão de bandidos que tanto a mídia aponta, mas não mostra os policiais que matam inocente para crlh, enfim. Mexe no indivíduo e pode criar uma boa autoestima nele, depois disso, começa a fomentação para se desenvolver uma base de saber, entender os porquês daquilo ocorrer e tudo mais, e com o tempo a galera pode se unir através do rap, e acho foda esse poder que o gênero tem (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Sim, tendo em vista de uma percepção periférica o rap certamente modificou o meio (periferia), mas olhando para uma sociedade onde as elites comandam, o rap pode ser um princípio de "consciência de classe", assim como diz mano brow "Entreí pelo seu rádio, tomei e você nem viu". Mas isso não significa que o rap pode mudar uma sociedade inteira, porém ele pode ser transmitido como uma mensagem para o meio político, que necessariamente teria formas e maneiras de transformar a sociedade (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Analisando as respostas destacadas é possível notar que o Rap pode transformar a sociedade de diferentes modos, mas para todos os âmbitos, ele é uma forma de denunciar as opressões, traz a união, serve como instrumento que leva a reflexão crítica para aqueles que o escutam com atenção, pode servir de alicerce para a construção da consciência de classe, ele vem como uma aula de sociologia para quem não entende termos complicados, por meio dele é possível emancipar-se e dar condições para a emancipação daqueles ao seu redor, ele serve de meio para que possamos notar nosso lugar na sociedade e quais as opressões interseccionais que nos atingem a todo momento.

As respostas evidenciam que o Rap traz consciência e é um meio para uma mudança na forma de pensar, mas só muda algo quando a pessoa que o ouve também começa agir, ele é um meio para a ação revolucionária que pode estremecer as bases estruturais racistas, mas sozinho não tem força, só tem força coletivamente, através da conexão das pessoas. O Rap e as demais

manifestações periféricas, trazem a semente para que possamos plantar as ações e estratégias para agir contra aqueles que não querem nos ver vivos.

5.2 Identidade e representatividade: o entendimento do próximo como espelho do nosso ser

“O rap me ensinou a ser quem eu sou e honra minha raça pelo preço que for”

Dexter e Mano Brown, Eu Sou Função (2005)

A escravização, que ocorreu na colonização foi uma das coisas mais repugnantes e depreciativas que já aconteceram na história, com ela veio a destruição cultural de indivíduos que foram arrancados de seu lugar de origem e tiveram suas culturas quase completamente apagadas, causando a invisibilidade dessa população, apagada histórica e culturalmente de tudo que era considerado bom para a vida em sociedade.

Esse apagamento histórico e cultural feito pelo colonizador branco foi usado como tentativa de silenciar o povo preto e fazer parecer que o mesmo não era digno de humanidade e era maldoso, o sujeito negro se torna tela de projeção daquilo que o sujeito branco não quer reconhecer em si mesmo, o que o leva a externalizar em outro indivíduo a índole maliciosa e as más intenções (KILOMBA, 2008).

Para que pudessem sobreviver a todos esses processos racistas e desumanos, seria necessário criar condições para isso, e uma das formas que um povo oprimido tem para melhorar sua vida é por meio da tomada de consciência de quem são e de qual o papel que desempenham na sociedade, ou seja, é necessário criar uma identidade, não a que o colonizador criou, mas uma que trouxesse a real representatividade, para todos que compartilham de uma mesma cultura, que por diversas vezes sofreu tentativas de apagamento.

A reflexão sobre identidade é apresentada no movimento Hip-Hop, em específico em uma de suas ramificações: o Rap (*rhythm and poetry*) ou em sua tradução Rep (ritmo e poesia), que vai trazer em seus relatos a necessidade de identificação do povo negro como tal, atacar e relatar as tentativas de deturpação que o sistema estrutural racista faz com a representatividade dos corpos pretos e suas falas, através de todos os veículos possíveis.

Com o intuito de reverter esse quadro é necessário que as pessoas se aproximem do movimento de forma positiva, é preciso que haja um certo nível de identificação com ele e que as pessoas se vejam representadas dentro do movimento Hip-Hop, tendo em vista que foi um movimento criado dá e para a própria periferia.

Para compreender como se dá esse processo perguntamos: “Você vê o Hip-Hop como forma de empoderamento?”

De 239 respostas 92,1% dos pesquisados responderam que sim, a cultura Hip-Hop tem potencial para desenvolver processos de empoderamento, até porque, nas comunidades é que foram surgindo os núcleos de resistência e os movimentos culturais, pois para o afrodescendente brasileiro sempre foi necessária a luta pelos direitos, pela preservação de sua cultura e principalmente pelo direito de existir em um sistema que fornece todos os meios para sua autodestruição e extinção.

Sendo assim, algo deveria unir e fortalecer a comunidade, no caso: o Hip-Hop, pois segundo dados baseados em informações verbais⁸ (2021) ele “consegue unir a galera, tanto para curtir quanto para lutar”, essa frase significa que mesmo estando em uma festa para extravasar, ainda assim, quem escuta, tem momentos de reflexão e pode minimamente pensar sobre si ou aqueles ao seu redor. Por isso segundo informações verbais(2021) afirma-se que o “rap é a voz da periferia, da juventude negra que sofre na mão da polícia e do Estado genocida, empodera quem canta e quem escuta, rap é compromisso social.” Como coletado em informações verbais (2021) “Além de ser uma importante ferramenta de educação e reflexão periférica, é um estilo musical que identifica e emociona”. Devido ao fato de que através dele é possível lutar "pela tomada de consciência e de ferramentas para a emancipação do indivíduo, tal como o fortalecimento da sua identidade racial.” (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

Dessa forma, foi realizada uma última pergunta para fechar as opiniões sobre esse estilo musical revolucionário: “Qual a importância do Rap para você?”, abaixo algumas respostas de maior destaque:

Rap me fez entender quem eu sou, mas lugar que eu ocupo e a importância de estar ali. Fez eu sentir orgulho das minhas origens e valorizar cada lembrança que eu tenho dos familiares mais velhos e de suas histórias em tempos muito mais difíceis que o nosso. Me fez me aceitar como eu sou e passar a entender melhor o que somos como população preta (o que hoje traduzo como descolonizar a mente) (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

Me ajudou a me reconhecer, reconhecer os problemas dos outros, ver vários problemas, que eu não passo, mas tem uma galera que sim. Comecei a enxergar o meu redor por uma visão de comunidade, de união, e sem querer esperar por ajuda de burguês os playboys qualquer, a gente pode fazer a diferença (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

⁸ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Roberto de Souza Penha, de 16 anos, Wilton Esteves Domingos Júnior, de 20 anos, Wesley Castro Rodrigues, de 25 anos, Carlos Eduardo Silva de Souza, com apenas 16 anos, e Cleiton Corrêa de Souza, com 18 anos, perderam suas vidas em novembro de 2015, após serem alvos de 111 tiros, efetuados por um grupo de policiais militares. Os cinco amigos eram moradores da zona norte do Rio de Janeiro e estavam reunidos para comemorar o novo emprego de Roberto.

Demorei me reconhecer como mulher preta, porque meu círculo social era composto apenas por pessoas brancas com as quais eu tentava me identificar e assemelhar, mas eu sentia de alguma forma que era impossível e observava diferenças de tratamento e de vivência mesmo, essas mesmas diferenças eram descritas nas músicas do Emicida, da Flora, do Baco (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

O Rap me ajudou em um período muito difícil da minha vida, essa sensação de não lugar de uma mulher preta pobre dentro de um ambiente acadêmico majoritariamente me fez sentir como se aquilo não me pertencesse, como se eu tivesse desistido de mim. Então voltei a escutar rap voltei a entender que aquilo era parte do sistema e como aquele sentimento era produto do sistema, se antes eu me sentia perdida e desmotivada agora eu tinha orgulho e vontade de estar ali ocupando aquele lugar. Não era só eu ali, o rap me fez entender que sou um projeto de muitas outras pessoas e que meus passos também são os deles (INFORMAÇÕES VERBAIS⁹, 2021).

O rap me proporcionou um melhor entendimento da minha realidade como um indivíduo preto para que entendesse toda a estrutura da sociedade, e principalmente de tomar consciência de todas as formas de opressão que sofremos. Pois, quando tomo consciência tomo partindo da importância de ocupar todos os lugares na sociedade e de me posicionar à frente dessa sociedade racista (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

A música, a arte é uma escapatória para crianças e jovens pretos não serem mais uma estatística na criminalidade, morte precoce, sistema carcerário. Rap nacional é patrimônio atemporal que narra bem como é viver a ferro, fogo e perseguido pelo camburão. Pretos no topo é o futuro que eu desejo para os meus. Topo das músicas mais ouvidas, assuntos citados em artigos científicos, jornais e livros. Sucesso, representatividade (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

Em resumo, sobre as citações acima, posso afirmar que o Hip-Hop e sua cultura salvam, este é um dos fatos que gostaria de destacar. O Rap é uma ferramenta de reflexão da realidade que traz educação, emoção, união, luta, respeito e empoderamento entre os seus. O compromisso tanto social como espiritual é compromisso com nossa ancestralidade, e nossos antepassados que mantiveram através da oralidade a cultura negra forte e resistente, este movimento é o que mantém o apagamento histórico longe e nossa cultura por perto.

Por fim, para saber mais sobre os gostos musicais dos participantes, quais são os artistas que mais se identificam, quais letras trazem mais representatividade e empoderamento para suas vidas, e em que momento do cotidiano o Rap faz mais sentido. Foram feitas três perguntas, sendo elas: “em quais momentos mais ouviram Rap?”, “quais os artistas mais ouvidos?” e, um trecho de uma música que mais gosta deste gênero musical.

Analisando os dados, vemos que 56,1% ouvem Rap a todo momento, 25,1% apenas em momentos de reflexão, 13% em momentos de lazer e 5% em momentos de raiva, aqui é notável que a arte serve para cada um de uma forma diferente, é uma forma de conexão subjetiva e o

⁹ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Kathlen Romeu, gestante de apenas de 24 anos, morreu antes de chegar ao hospital, depois de ser baleada em uma operação da Polícia Militar, na Vila Cabuçu, comunidade localizada no Rio de Janeiro próxima a região de Grajaú-Jacarepaguá.

que pode ser bom para alguém a todo momento, às vezes para outro será interessante só em momentos de reflexão, ou para relaxar. Essa é a magia da música, e conseqüentemente do Rap se encaixar no momento certo para cada pessoa.

Analisando os artistas preferidos dos entrevistados alguns nomes se destacaram aparecendo 113 vezes, os Racionais Mc's são os mais ouvidos pelos participantes do questionário, seguidos por Djonga com 91 citações, Emicida com 76 e Sabotage com 50. O que nos mostra que mesmo com o passar do tempo, através da oralidade nossa cultura segue resistindo e se renovando diante das inúmeras tentativas de epistemicídio que sofremos através do tempo, visto que o grupo mais citado tem mais de 30 anos de carreira e em 2021, data da realização do questionário, ainda é o mais escutado.

Da mesma forma, o segundo mais citado está em atividade há menos de 15 anos e conseguiu alcançar a mente e os corações daqueles que precisavam ouvir suas palavras. Outro fato importante é o quarto artista citado, que mesmo com sua presença física ausente, desde de seu assassinato em 2003, se faz presente e imortal através da força do Rap, o que evidencia que nem a violência e nem o apagamento conseguiram calar a voz de um jovem preto de periferia que tinha muito a dizer.

Outra discussão pertinente é o tom da pele dos artistas mais citados, pois todos tem a pele preta, o que mostra uma forte representatividade, visto que segundo Rita Izsák (2016) relatora da ONU: “Esta comunidade é a mesma que responde por 70,8% dos 16,2 milhões de brasileiros vivendo em extrema pobreza e por 80% dos analfabetos do país”, ou seja, a aparição em massa de Mestres de Cerimônia pretos entre os mais citados não é coincidência e sim identificação, pois esse estilo musical é feito exatamente dos pretos para os pretos, para que possam ver seu semelhante com admiração, orgulho e com o sentimento de emancipação. Afinal, ele é igual a mim.

Sentimento este que ocorre de forma mútua, pois muitos dos Mc's só escrevem porque são inspirados pelo cotidiano de seus iguais e se identificam com eles em diversas situações, assim como cantado por Djonga (2019) na faixa **Falcão**: “Olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho, corpos negros sem trono, me sinto olhando espelho, olho corpos negros no chão, me sinto olhando o espelho, que corpos negros nunca mais se mancham de vermelho”, aqui além do protesto pela vida dos seus iguais, que segundo Rita Izsák (2016) são “[...] 80% das vítimas de homicídios associados a intervenções da polícia [...]”, também fica nítida a relação de identificação e representatividade entre emissor e receptor, que nos dados acima é citado 91 vezes.

5.3 Acesso: o rap como instrumento para o conhecimento cruzar a ponte através das ondas sonoras

*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá*

Racionais Mc's, Da Ponte Pra Cá (2002)

No Brasil, uma das expressões da questão social, nas relações de capital x trabalho é a questão habitacional, a violência, o pouquíssimo investimento em educação e falta de cultura e lazer, geradas por anos de negligência do Estado a famílias de baixa renda.

O resultado da questão habitacional foi um processo de urbanização descontrolado e sem planejamento de uma grande parte da população, que obrigou diversas famílias a se desenvolverem em lugares sem infraestrutura, sem saneamento e distantes dos centros.

Alguns estudos mostram que o déficit habitacional no Brasil corresponde a 5,8 milhões de moradias, das quais 82% estão localizadas na área urbana. Por volta de 89% do problema de moradia está concentrado nas populações de baixa renda, a camada da população mais atingida pelas diversas consequências das desigualdades sociais. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2009).

A questão habitacional é também resultado do processo de colonização e escravização, pois mesmo após a abolição não houveram medidas que garantissem à população negra o acesso às terras e moradia. Pelo contrário, houve a promulgação da Lei de Terras que segundo Ricardo Westin (2020) da Agência Senado foi “por meio da qual o país oficialmente optou por ter a zona rural dividida em latifúndios, e não em pequenas propriedades.”, o que impedia completamente que os pretos libertos tivessem qualquer tipo de acesso, fazendo com que ocorresse um isolamento populacional dificultando o acesso a todo tipo de serviço.

Esse isolamento populacional, causado por sermos corpos negros vivendo em um mundo desenhado para brancos e ricos, acarretou em uma espécie de exílio, tanto no sentido físico como intelectual, que faz com que o povo periférico do Brasil, tenha em seu cotidiano um efeito que se assemelha a estar em uma espécie de ilha, isolados, fazendo com que percamos acesso a bens, serviços, lugares que contribuam com nossa emancipação.

Nessa ilha, os barcos que são enviados pelas classes mais altas são somente da opressão e chegam com algumas cargas, com recursos mínimos, educação precária, saúde inexistente,

alicerces comprometidos, sempre bem acompanhados de violência estatal, consumo excessivo de entorpecentes, propagandas sem representatividade, e uma carga extra de ideologia hegemônica cultural (GRAMSCI, 2001) conservadora, que vai gerar nos atingidos sentimentos como: raiva, tristeza e sensação de **um não lugar**, que seria a falta de reconhecimento de pertencimento a algum local, o que gera uma tristeza profunda.

Essa sensação de melancolia profunda é conhecida também como banzo que nas palavras de Carlos Haag (2010, s/n) “[...] era um estado de depressão psicológica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil, [...] nostalgia profunda que levava os negros a morte [...]”, essa afirmação de Haag, mais tarde também foi reafirmada por Emicida, em entrevista à Carta Capital (2015), quando diz que “[...] é uma doença que acomete os pretos desde a escravidão, uma espécie de patologia semelhante à depressão, um fantasma que assombra quem foi arrancado de sua terra natal, como se essa doença tivesse a força de atravessar gerações”. E nas raras ocasiões, em que há aqueles que conseguem deixar a ilha para acessar outros lugares, ainda o fazem a nado e rodeado de tubarões brancos, esperando o mínimo erro, para atacar e mostrar a todos que tentaram sair.

Todavia, os oprimidos não deixariam de lutar para sobreviver, então precisavam criar um meio para retomar aos poucos a construção de pontes de emancipação, e uma dessas pontes foi o Rap, como é relatado em informações coletadas na pesquisa¹⁰ (2021) “muito antes da academia, foi o rap de fato que me fez pensar sobre racismo, genocídio, desigualdade social.” Ou seja, o Rap “não só pode como é considerado uma forma de emancipação social do indivíduo tendo como base toda sua história e resistência. O rap pode ser usado como metodologia de ensino e de conscientização social”.

Com as falas acima é possível entender que o Rap seria a primeira educação, e o mestre de cerimônia (MC) uma das primeiras referências de representatividade e identificação. O rap chega a lugares que muitas vezes as instituições não chegam, ele acolhe pessoas exiladas, acessa lugares onde não se tem acesso por meios convencionais, ele entra pelo rádio e traz a informação e a mensagem de emancipação de forma que o opressor não vê, como bem colocado por Dexter e Mano Brown (2005) na música Eu Sou Função “O rap me ensinou a ser quem eu sou, e honrar minha raça pelo preço que for, dos vida loka da história eu sou um a mais, que te faz ver a paz como soro eficaz, no gueto jaz, o inofensivo morreu”. Em outras palavras, o Rap é aquele que

¹⁰ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Guilherme Guedes, de 15 anos, foi sequestrado e morto pela polícia militar em um domingo. O fato ocorreu na Vila Clara, zona sul de São Paulo.

transforma os oprimidos e abatidos, nos conscientes e emancipados cidadãos que vão lutar pelos seus direitos e por uma sociedade mais justa.

Deste modo, quando se trata de acesso, por parte do Estado foram pensadas algumas maneiras para tentar sanar a falta de educação formal para as populações mais vulneráveis, assim surgiu o que chamamos de ações afirmativas. Segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativas (GEMAA, 2008) “são políticas focais que alocam recursos em benefício de pessoas pertencentes a grupos discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica no passado ou no presente”. Ou seja, as ações afirmativas tentam diminuir a desvantagem histórica que os povos excluídos sofreram.

Trata-se de medidas que têm como objetivo combater discriminações étnicas, raciais, religiosas, de gênero, de classe ou de casta, aumentando a participação de minorias no processo político, no acesso à educação, saúde, emprego, bens materiais, redes de proteção social e/ou no reconhecimento cultural. (GEMAA, 2008, s/n).

Dentre estas ações, se torna importante fazer menção à Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que trata do ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, popularmente conhecida como Lei de Cotas. Essa foi uma medida criada pelo Estado, para que os jovens de escola pública com baixa renda pudessem ter acesso ao ensino superior, assim como, trouxe outra característica importante: a questão racial.

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita.
Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (BRASIL, 2012).

Inegavelmente, esta medida abriu as portas das universidades públicas para aqueles que nem sonhavam em passar pelos seus portões, foi um grande avanço para gerações de famílias pretas e indígenas que agora podem sonhar com o ensino superior completo, e ocupar os espaços que antes eram somente para a elite, porém essa medida não foi 100% eficaz, pois como relatado anteriormente, 80% dos analfabetos do país são dessas etnias. Em outras palavras, essa medida

não pensou naqueles que não completaram a educação infantil ou fundamental, ou nos que não conseguiram acessar o ensino básico, devido à segregação em todos os níveis.

Depois de realizar a pesquisa e analisar os dados coletados, se tratando da periferia, ocorre uma certa exclusão dos espaços virtuais, visto que apenas 38,8% dos alcançados foram de periferia, o que deixa o questionamento do porquê esse alcance ser tão baixo, porém levando em consideração que a maioria dos participantes foram jovens brancos, fica fácil compreender o porquê, pois o Brasil é um país desigual com um abismo social crescente, que faz com que os periféricos historicamente tenham menos acesso a todo tipo de tecnologia e conseqüentemente a educação assim como explicitado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2017, s.n *apud* CFESS-CRESS, 2017, s.n) que diz que “A taxa de analfabetismo entre pessoas pretas/pardas é mais que o dobro do que entre as brancas [...]”, o que faz com que gerações de pessoas não brancas sejam prejudicadas.

Para que haja uma volta por cima e o analfabetismo seja vencido é necessária uma forma de reflexão e educação acessível para aqueles que não têm acesso, um dos caminhos seria o movimento Rap/Hip-Hop. A pesquisa revela que ele auxilia na interpretação de mundo, e é uma forma de possibilitar e potencializar a consciência crítica que muda visões distorcidas e abre os olhos de seus ouvintes para diversas realidades existentes no tecido social, quebra a naturalização das coisas trazendo um contexto histórico e cultural, ele seria um meio de identificação e representatividade para os povos que foram vítimas de epistemicídio, servindo de núcleo de resistência e ferramenta de emancipação compromissada com a luta social e o fortalecimento da identidade racial do indivíduo, tendo os Mestres de cerimônia, os b-boys, Dj’s e os grafiteiros como linha de frente, atuando como intelectuais orgânicos.

Desta maneira, seria possível criar medidas que quebrariam o exílio físico e intelectual que os povos à margem sofrem, o Rap viria como forma de emancipação, metodologia de ensino e conscientização social, chegando a lugares que as instituições demoram a chegar ou não chegam, e acolhendo aqueles que o sistema excludente condena, trazendo a informação e a mensagem de emancipação em uma linguagem que o opressor não compreende.

Por isso, o Rap poderia ser considerado a primeira escola, o primeiro acesso à informação, a ação afirmativa que sobe morros e passa por vielas através das ondas sonoras, levando educação, informação e reflexão para dentro das cabeças que o Estado não alcança ou muitas vezes finge não ver. O Rap é a ação que o povo periférico construiu para se afirmar.

5.4 Serviço Social: uma ponte para a emancipação

Serviço Social é igual Rap? Não, tem suas diferenças, mas o intuito é que os nossos vençam, os dois compensam coisas que nos foram tiradas, desde o básico para se alimentar ou o despertar de mentes alienadas, é disso que eu falo movimento de sobrevivência, é nas famílias mais vulneráveis que fazemos a diferença, Diferença mesmo, não pra agradar governo, diferença para que os nossos sejam modelos, de educação, de despertada, de amor e de tudo que lhes falta na quebrada, e a todos que vierem na contramão, faça o favor, sabia que nesses dois serviços sempre será compromisso, com muito amor!

Pedro Tessarin

O Serviço Social assim como o Hip-Hop atua nas mazelas da sociedade, entrando em contato com pessoas em situação de vulnerabilidade, segundo informações verbais¹¹ (2021) é notável que o “Serviço Social é política e político, intrínseco a debates sociais de Classe, gênero, raça e suas desigualdades. Pode, transformar ampliando espaços de debates e fazendo o conhecimento chegar mais longe”, o que possibilita que essas pessoas que não sabem sobre seus direitos, compreendam melhor sua totalidade.

Dessa forma, ao Serviço Social cabe o papel de fazer com que essas pessoas se empoderem e também corram atrás de seus direitos, assim como no Rap. Por isso, quando perguntado se o Serviço Social poderia ser visto como uma forma de empoderamento 81,5% responderam que sim, até porque o Serviço Social:

Por ser uma profissão, tem todos os limites institucionais e legislativos que toda profissão tem. Todavia, a concepção teórica advinda da luta e do movimento de reconceituação dão grande base aos estudantes e profissionais para se unirem e enquanto trabalhadores alterarem a realidade. Somente uma classe pode realizar a mudança, a classe que produz, que movimenta o sistema: a classe trabalhadora. O Rap não altera a realidade, uma profissão também não. Podem alterar a individualidade, mas o grande coletivo só com a luta coletiva. (INFORMAÇÕES VERBAIS¹², 2021).

Por isso a semelhança entre os dois, fazem o movimento de despertar aqueles que os procuram, para a realidade, para a interpretação do mundo em uma visão guiada por uma vontade de desvelar as camadas sociais. Fazer com que todos os impactos dos problemas criados pelo capitalismo neoliberal, que gera as diversas expressões da questão social, sejam combatidos, questionados, e minimizados, visto que alguns exigem soluções em âmbito

¹¹ Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Samuel Vicente, de 18 anos, morreu após ser alvo de tiros na saída de um baile funk no Bairro Anchieta/RJ, onde fica a comunidade do Chapadão.

¹² Entrevista fornecida para pesquisa, em Ituiutaba, 2021. Nome fictício: Luara Victoria, de 18 anos, Gustavo Xavier, de 14 anos, Dennys Guilherme, Denys Henrique, e Marcos Paulo, todos de 16 anos, morreram em uma operação violenta da Polícia Militar na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo, em um baile funk.

mundial, sendo assim, não podem ser solucionados individualmente, tem que ser resolvidos de forma coletiva.

Outro ponto em comum é a coletividade e união, pensar antes no coletivo do que em si, entender que todos somos mais fortes juntos do que separados, pois o individualismo é a arma principal daqueles que querem nos conquistar e dominar, já a coletividade e união são a maior arma que um cidadão pode ter contra o sistema que o oprime.

Como frisado no Código de Ética da profissão (1993, p. 23), que traz como essencial ao Serviço Social o “reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais”, reconhecer a liberdade como valor ético é lutar a favor dos direitos dos cidadãos e contra todas as formas de autoritarismo. Deste modo, são atribuições do assistente social:

- III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;
- IV. Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
- V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;
- VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças. (BRASIL, 1993, p. 23).

Ou seja, assim como os artistas de Rap, o profissional de Serviço Social, que tem compromisso com o Código de Ética, também se compromete com a luta pela liberdade e cidadania, e se empenha na eliminação de todas as formas possíveis de preconceito, “mostrando que mesmo a ‘realidade ao redor’ é percebida pelos indivíduos de distintas maneiras, uma vez que "a realidade" se apresenta num leque de oportunidades e acessos histórico e estruturalmente desiguais.” (INFORMAÇÕES VERBAIS, 2021).

Por isso, nesta pesquisa procuramos saber qual o imaginário das pessoas entrevistadas sobre o Serviço Social. Foram realizadas algumas perguntas, as três primeiras foram: você sabe o que é Serviço Social? Você já teve algum contato com o Serviço Social? Foi uma boa experiência?

De 239 participantes, 93,7% afirmam saber, porém apenas 64,9% tiveram contato como a profissão, dos que tiveram contato 90% afirmam ter sido uma boa experiência, o que evidencia que em sua maioria, os participantes encontraram, até o momento da pesquisa, bons profissionais, que vão de acordo com os princípios éticos e políticos da categoria.

Analisando os dados acima, e levando em consideração que o Serviço Social é uma profissão que atua com as expressões da questão social, fica nítido que a desigualdade social é uma constante na nossa sociedade, isto é, os dados demonstram que 64,9% afirmam alguma forma de contato com a profissão, seja por serem usuários, estudantes da área, conhecerem alguém que utilizou os serviços, ou até por meio de projetos sociais, sendo este, de extrema importância para a conexão da profissão com as comunidades.

Os projetos sociais são sempre os primeiros a chegarem nas comunidades, é o primeiro contato que uma criança tem com uma vida fora da favela. esses projetos nos ajudam a entender que só porque nascemos ali, não significa que temos que morrer ali, vejo o serviço social como a ponte que liga os marginalizados ao centro da sociedade. (informação verbal, 2021)

Por outro lado, é necessário pensar que ao mesmo tempo que o Serviço Social consegue alcançar as pessoas das comunidades e oferece outra perspectiva de vida, estes serviços não têm o alcance esperado, algumas pessoas ainda não conseguem acessar o serviço em sua totalidade, como está previsto nas políticas públicas.

Com base no que foi discutido foram feitas algumas perguntas: O Serviço Social pode ser um meio para a transformação da sociedade? De que forma? O Serviço Social ajudou a entender o mundo ao seu redor, de que forma? Com essas perguntas foi possível coletar uma grande e rica quantidade de respostas, as que mais se destacaram foram:

Muitos imaginam, apenas que o serviço social é como um auxílio por vezes material desenfreado para pessoas necessitadas e mais nada além. Por passar a conhecer mais a fundo, pude perceber a forma como nada é feito como um favor ou gentileza dentro do serviço social, na realidade, o que sempre foi pensado pela massa é que os mínimos direitos nem eram pra ser para todos. Depois de entender os direitos, antes de se ligar aos deveres individuais tudo passou a ser diferente, até por entender finalmente que mesmo a pessoa mais desprovida e carente de meios básicos para sobrevivência, merece ser olhada com respeito e ser assistida, apesar de todas as desigualdades que a atravessam no Brasil contemporâneo. Contudo, sei que minha visão é privilegiada por ser estudante do serviço social na Universidade Federal de São Paulo, porém espero que a visão errônea de todos sobre serviço social mude o mais rápido possível (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Estou no último ano do curso, e posso dizer que sou uma pessoa totalmente diferente de 4 anos atrás. A partir da lente do Serviço Social pude enxergar o mundo com maior criticidade, equilíbrio e profundidade, para além da empatia que já tinha, entendo que o curso não tem nada a ver com caridade e sim com a promoção dos direitos de todas as pessoas, é uma área em que vejo a possibilidade de se ver realizar uma intervenção engajada politicamente e territorializada, entendendo os usuários dos serviços como protagonistas de suas vidas e sujeitos autônomos, tendo a comunidade a potência da transformação (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Me colocando em contato com pessoas que tinham experiências diferentes e ao mesmo tempo parecidas com as minhas; Me fazendo me enxergar como um sujeito de direitos, não apenas de deveres; Ver as tantas contradições presentes no mundo e

em mim mesma; Me fazendo enxergar que para se ter mudanças reais é necessário fazer muito mais que falar. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Quando aprendi mais sobre algumas demandas do serviço social (populações vulneráveis) pude entender melhor sobre outras realidades, compreender meus privilégios e conhecer formas de fazer mudanças na sociedade (no caso, por meio de ações pessoais, mas principalmente na área da psicologia) (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Orienta indivíduos, comunidades e instituições sobre direitos e deveres, serviços e recursos sociais e programas de educação, principalmente nos dias atuais no qual a desigualdade social só aumenta, hoje a importância do serviço social é extremamente importante (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Conheço o Serviço Social através da visão da psicologia, e acredito que seja uma área muito abrangente. Com base nas informações que tenha, penso, principalmente, que podendo atuar na educação, sendo um setor "base", pode fazer transformações através da atuação de programas e movimentos, por exemplo, com a finalidade de conscientizar e divulgar informações, e também por meio de ações direta de atendimento, auxílio e direcionamento de populações vulneráveis (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

O Serviço Social é uma profissão de mediação, ela pode contribuir para a transformação da sociedade pois é na relação com a classe trabalhadora que a profissão se materializa. E nessa relação a profissão possibilita a efetivação de direitos, assim como pode também contribuir para uma compreensão crítica da realidade dos usuários (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

O Serviço Social pode transformar a sociedade quando leva a informação ao usuário do sistema da assistência e mesmo no serviço privado, se o profissional tiver a consciência de politizar o atendimento de forma acessível e democracia ele muda a vida do usuário conscientizando-o (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Penso que o Serviço Social, na prática, tende a ser um "estabilizador da sociedade". Busca fazer que o sistema funcione sem violentar ao extremo a dignidade humana. Isso vem da minha percepção que "transformadores da sociedade" não são institucionalizados. Logo a transformação social acontece nas relações sociais não institucionalizadas (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

A atuação do profissional de Serviço Social, se feita de forma correta pode quebrar as imagens deturpadas e negativas da profissão, mas sempre lembrando que se bem feita e estruturada no Código de Ética do/a Assistente Social. Se os profissionais trabalharem e entenderem que são mediadores entre os usuários e o acesso aos direitos, sendo comprometidos com o auxílio da população, conscientes que também fazem parte de uma classe que luta pelo direito de viver e não somente de sobreviver, criarão oportunidades àqueles que não são ouvidos, concebendo pontes fortes e resistentes, levando em consideração que a mudança da sociedade não surgirá de instituições e da classe dominante, mas sim da união da classe trabalhadora como um todo, por isso, “trabalhadores de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 1998, p. 42).

É fato que a história do Brasil está ligada ao povo preto e suas questões, e não seria diferente com o Serviço Social, ainda mais por seus profissionais trabalharem para combater as

expressões da questão social em diversos campos de atuação, como: saúde, educação, habitação e assistência social. E mais do que ter contato com a história do povo preto, o Serviço Social tem contato com suas demandas. O assistente social, assim como o Rap, está presente nas favelas e morros, onde residem aqueles que foram ilhados por uma sociedade excludente.

Inevitavelmente, ao entrar em contato com as demandas da população não branca, o profissional terá contato com o racismo, por isso, em 2017, o Conselho Federal de Serviço Social e os Conselhos Regionais de Serviço Social (Conjunto CFESS-CRESS), lançaram a campanha Assistentes Sociais no Combate ao Racismo, com o intuito de colocar em pauta o racismo presente na atuação dos assistentes sociais e na sociedade, com a intenção de dar visibilidade e incentivo para a luta antirracista, para que não só os profissionais de Serviço Social, mas também todos que os permeiam, percebam as diversas expressões de racismo no cotidiano, visto que de acordo com o explicitado pelo já extinto Ministério de Desenvolvimento e Combate a Fome (2018, s.n *apud* CFESS-CRESS, 2017, s.n) ”A maior parcela da população beneficiária do Bolsa Família (73%) se autodeclara preta”. O que nos indica que são essas famílias pretas as mais prejudicadas pelas precarizações e desmontes de políticas públicas, os cortes na educação, saúde e assistência social. A população que sente primeiro os reflexos de uma política neoliberal são os pretos e pobres, retirando-os a possibilidade de uma vida digna.

Dito isso, o Rap seria de grande ajuda para o Serviço Social pois como citado por um dos participantes do questionário (2021) ele é “Muito importante, na minha formação como pessoa e principalmente na formação acadêmica, para entender um pouco o que são as expressões da questão social”, em outras palavras, o Rap ajudaria a compreender melhor as expressões em que o trabalho do assistente social está imerso, assim como fica evidente nos relatos abaixo:

O RAP Nacional tem total importância na minha vida, pois acompanho muitos grupos e projetos ligados ao Hip Hop. Utilizo trechos de músicas e demais obras produzidas por coletivos das favelas em atividades da faculdade e de um cursinho pré-vestibular que ministro aulas. Também utilizo o RAP para apresentar a realidade da favela de São Paulo para pessoas que não a conhecem (como muitas pessoas de Ituiutaba). (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

O rap me ajudou na luta da dependência química e me tirar do mundo do crime, e da prostituição, com as letras principalmente dos rap anos 90 comecei a me interessar pela história do nosso país que sucivamente me fez crescer o amor pelo serviço social, hoje em dia sou estudante de serviço social e atuo como agente social com pessoas em situação de rua. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

O rap me ajudou a desconstruir visões preconceituosas e a me engajar de uma forma mais visceral no campo de atuação em que atuo enquanto Serviço Social. Pra além disso, ouvir rap pra mim é me abastecer pra luta, dá significado às pequenas e grandes batalhas na vida pessoal e profissional. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

No rap há várias denúncias da realidade que pessoas pretas e pobres se encontram. Expor as desigualdades sociais, raciais e de gênero são cruciais para pautas serem refletidas no imaginário social além de promover um alcance para além da periferia levantando pautas de suma importância para alarmar esta questão social. (INFORMAÇÃO VERBAL, 2021).

Devido a estes relatos, é impossível não notar que o movimento Hip-Hop seria importante para a formação e atuação dos/as assistentes sociais, pois é um movimento que tem como pauta principal, desde sua formação, a luta contra o sistema racista excludente. Sendo assim, uma junção dos dois ajudaria não só os próprios profissionais, mas também os usuários dos serviços, pois o Rap muitas vezes chega primeiro que os projetos sociais para as pessoas. A junção dos dois seria uma iniciativa que ajudaria avançar no caminho para uma sociedade mais justa e livre de fato, pois como citado por Ângela Davis *apud* Rocha (2016): “a estrada para a liberdade, o caminho da libertação é marcado pela resistência em cada encruzilhada”. E o que seria o Rap e o Serviço Social, se não uma forma de resistência?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em minha concepção, afirmo que as cores de pele ainda influenciam muito a nossa sociedade, elas decidem que lugar acessamos, como nos alimentamos, onde moramos, com quem nos relacionamos, e se temos mais chance ou não de morrer jovens de forma violenta, visto que, de acordo com dados do Ipea e o Fórum de Segurança (2019, s.n *apud* CFESS-CRESS, 2017, s.n) “75,5% das vítimas de homicídio no Brasil são negras, maior proporção da última década. As manchetes de jornais atestam: nas periferias, todo dia, crianças e jovens negras são assassinadas”, o que deixa explícito, que os ecos do colonialismo perseguem o povo preto pobre até hoje, estamos imersos em uma sociedade estruturalmente racista, que nunca deixou o determinismo biológico de lado. Para as classes mais altas não deixamos de ser uma raça inferior, que serve somente para trabalhos braçais e submissos.

No entanto, mesmo sofrendo tantas tentativas de silenciamento, e apagamento histórico/cultural, mesmo sendo expostos todos os dias a uma forte ideologia hegemônica dominante branca, que tenta moldar nosso consciente para nos acharmos inferiores e feios, criamos meios de superação e resistência a tudo que nos é imposto física e ideologicamente, e um desses meios é o Hip-Hop.

O nosso dever é nos organizarmos e fortalecermos, para que como classe seja possível pensar em lutas antirracistas, e por meio da ancestralidade que o Rap nos transmite, saberemos reconhecer a luta dos que vieram antes e honrar seus sacrifícios para construir um mundo melhor, em que os povos periféricos possam sentir orgulho de si mesmos e despertarem para a luta, que seria viabilizada com os Mestres de Cerimônia e suas reflexões. Através delas seria fácil perceber o que foi naturalizado pelo colonizador e o que é real, acredito que se o MC assumir seu papel de Djeli moderno, que seria um guardião da cultura dos explorados, será possível por meio da oralidade, conscientizar as massas para que notem que somente com união e ação podemos reivindicar nossos direitos, pois o Hip-Hop é um movimento contestador.

Em outras palavras, o Rap seria a ação afirmativa que sobe as ladeiras por meio das ondas sonoras, leva educação informação e reflexão, ele é o resultado de uma ação que a periferia desenvolveu para se afirmar como pessoas de direito, dignas de respeito e oportunidades iguais, para que os seus possam viver livres e autônomas, e assim como o Rap, o Serviço Social entra em contato com todas essas pessoas, pois atua nas bordas da sociedade, onde se encontram as pessoas com maior vulnerabilidade social.

Como foi exposto pela pesquisa, o Serviço Social amplia os espaços de debate, fazendo com que o conhecimento chegue mais longe, mostrando através de suas lentes, um mundo com mais criticidade e profundidade. O assistente social, se bem preparado para um intervenção, que seja engajada politicamente, pode tornar-se uma ponte que liga os marginalizados ao centro da sociedade, de forma que possibilite aos sujeitos serem autônomos e protagonistas de suas vidas.

Se o Serviço Social e o Rap unissem forças poderíamos criar uma grande ferramenta de comunicação em massa, que ressaltaria a coletividade e a união como princípio fundamental para a liberdade, pois com uma corrente forte e interligada é possível criar mudanças substanciais que irão contra todas essas ideias individualistas e segregacionistas que o sistema neoliberal tem nos imposto, como dito por Emicida (2018) “se não for coletivo, é do sistema”, então que sejamos a mudança, o pensamento fora dos padrões e o espírito de coletividade que faça com que as pessoas de mesma classe e raça se reconheçam e se unam, para reivindicar melhorias e uma nova ordem societária, em que todos possam viver vidas dignas.

Por fim, acredito que essa pesquisa pode nos ensinar muito sobre vida, profissão e ancestralidade, acredito que abordando este tema, eu possa ter plantado uma semente de apoio aos meus semelhantes, que virão a acessar a universidade depois de mim e virão discutir as

temáticas aqui abordadas. Penso que esse é o início de uma discussão, que sinaliza como o Serviço Social pode se renovar através do tempo bebendo em fontes presentes no seu cotidiano.

Acredito que juntos somos mais fortes, e lutando poderíamos reconstruir um ambiente promissor de desenvolvimento humano, oposto à destruição que está posta pelo neoliberalismo destrutivo que vivenciamos no cotidiano. Acredito que venceremos a ganância e a arrogância das classes altas, produzindo por meio da consciência, coletividade, luta, amor e esperança.

Às vezes eu acho que todo preto como eu, só quer um terreno no mato só seu, sem luxo, descalço, nadar num riacho, sem fome, pegando as frutas no cacho, aí, truta, é o que acho e quero também, mas em São Paulo, Deus é uma nota de 100, vida loka! (RACIONAIS MC'S, 2002).

Que possamos fazer do Serviço Social, através de muita luta, uma profissão cada vez mais contestadora, assim como o Rap é, para que haja meios de fazer com que esse genocídio do povo preto pare, e que os pobres não vivam mais entre o gatilho e a tempestade, que criemos uma sociedade pela qual o dinheiro seja só papel e que o verdadeiro valor esteja na vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de; **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019. p. 162. (Feminismos plurais).
- BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL-CFESS. **Código de Ética do Assistente Social**: lei 8662/93.1993. Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf. Acesso em: 23 set. 2021
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: [S. L.: s. n.], Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 15 dez. 2020.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: [S. L.: s. n.], 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 29 set. 2021.
- BROWN, James. **Say It Loud, I'm Black And I'm Proud**. 1968. [S. L.: s. n.] Disponível em: <https://genius.com/James-brown-say-it-loud-im-black-and-im-proud-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020
- BROWN, Mano; DEXTER. **Eu Sou Função**. 2005. [S. L.: s. n.] Disponível em: <https://genius.com/Dexter-8-anjo-eu-sou-funcao-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- CAPITAL, Carta. **Emicida busca raízes musicais na África**. 2015. [S. L.: s. n.] Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/emicida-busca-raizes-musicais-na-africa-2369/>. Acesso em: 28 set. 2021.
- CARDOSO, Franci Gomes. **Organização e consciência de classe**: condições para a conquista da hegemonia pelas classes subalternas. São Luís: UFMA, 2005. 9p.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- CFESS-CRESS. **Expressões do racismo**: o racismo no acesso ao saneamento no Brasil. [S. l.], 2017. Portal: Assistentes Sociais no Combate ao Racismo. Disponível em: <http://servicosocialcontraracismo.com.br/sobre-o-racismo/>. Acesso em: 08 out. 2021.
- DAVIS, Angela. Texto completo de Angela Davis. Palestras sobre libertação. In: Rap e Filosofia, 2015. Disponível em: <http://rapefilosofia.blogspot.com.br/2015/07/texto-completo-de-angela-davis.html>. Acesso em: 10 out. 2021.
- DJONGA. **FALCÃO**. 2019. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Djonga-falcao-lyrics>. Acesso em: 28 set. 2021.

EMICIDA. **Mufete**. 2015. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/7726721>. Acesso em: 02 dez. 2020.

EMICIDA. Prefácio in: Piskor, Ed. **Hip-hop genealogia**- revisão de Mateus Potumati. São Paulo: Vaneta, 2016. 128p.

_____. **O céu é o limite**. 2018. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Devasto-prod-o-ceu-e-o-limite-lyrics>. Acesso em: 10 out. 2021.

_____. **Principia**. 2019. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Emicida-principia-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estatística e Informações. **Déficit habitacional no Brasil 2009**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2012. 200 p.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Renata. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. *Revista Katálysis*, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 514-522, dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592018v21n3p514>. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rk/a/JGPd8LQgf3yWcxfrRWwjtFN/?lang=pt&format=pdf#:~:text=A lmeja%20dse%20demonstrar%20que%20a,Rela%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A9tnico%20Draciais..](https://www.scielo.br/j/rk/a/JGPd8LQgf3yWcxfrRWwjtFN/?lang=pt&format=pdf#:~:text=A%20lmeja%20dse%20demonstrar%20que%20a,Rela%C3%A7%C3%B5es%20%C3%A9tnico%20Draciais..) Acesso em: 15 fev. 2021.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 332 p.

O QUE são ações afirmativas? Rio de Janeiro, 2008. Portal: Gema. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br/o-que-sao-acoes-afirmativas/>. Acesso em: 29 set. 2021.

HAAG, Carlos. **A saudade que mata**: pesquisa discute a polêmica questão do banzo como "nostalgia mortal" dos escravos. 2010. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-saudade-que-mata/>. Acesso em: 22 set. 2021.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena** / Micael Herschmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.304p.

IASI, Mauro Luis. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999. 25 p.

KAXETA, Mc Neguinho do; HARIEL, Mc. **Favela Pedre Paz**. 2020. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Mc-hariel-favela-pede-paz-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2008. 246 p.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A Guerra**: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. São Paulo: Todavia, 2018. 344 p.

MARI, Cezar Luiz de. O papel educador dos intelectuais na formação ideológica e hegemônica em Gramsci: uma perspectiva de emancipação humana. In: LEITE, Domingos. **Trabalho e Formação Humana: o papel dos intelectuais e da educação**. Curitiba: UTFPR, 2011. p. 65-84.

MARTINELLI, M. L. Uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**, São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC SP, n. 1, p.1-18, 1994.

MARTINS, Júnia; PINHEIRO, Junior. XV CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 04., 2013, Campina Grande, Paraíba. Revista Temática: **Tradição e Oralidade: dos fios da memória à rede das ciberculturas**. Campina Grande, Pb: UFPB, 2013. 16 p

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9068>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. 616 p.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. 183 p.

PIMENTEL, S.K. **O livro vermelho do hip hop**. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1997.

PONCIO, Gabriel Rodrigues. **O Rap como expressão da cultura popular e da tomada de consciência: enfrentando a prisionização e a seletividade do sistema penal**. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RACIONAIS MC's. **Capítulo 4 Versículo**. 1997. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-capitulo-4-versiculo-3-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.

_____. **Negro Drama**. 2002. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-negro-drama-lyrics>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. **Da Ponte Pra Cá**. 2002. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-da-ponte-para-ca-lyrics>. Acesso em: 14 out. 2021.

_____. **Vida Loka parte 2**. 2002. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-vida-loka-pt-2-lyrics>. Acesso em: 10 out. 2021.

_____. **Formula Magica da PAZ, DVD Mil trutas, Mil tretas**. 2006. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9nUHk06-bX4>. Acesso em: 14 outubro. 2021.

_____. **Mente do Vilão**. 2013. [S. L.: s. n.]. Disponível em:

<https://genius.com/Racionais-mcs-mente-do-vilao-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.

REIS, Egberto Pereira dos; ROTHEN, José Carlos. Gramsci, as revistas, o intelectual e a educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1. p. 1-18, 3 maio 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698178809>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/sZnr3bm4yK4C7rm63F6GgpL/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2020.

Rita Izsák. Organização das Nações Unidas. **Brasil: Violência, pobreza e criminalização 'ainda têm cor'**. 2016. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72443-brasil-violencia-pobreza-e-criminalizacao-ainda-tem-cor-diz-relatora-da-onu-sobre-minorias>. Acesso em: 28 set. 2021.

ROCHA, R. **Assistente Social no combate ao preconceito: Racismo**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2016, 22 p.

SABOTAGE. **Rap é Compromisso**. 2001. [S. L.: s. n.]. Disponível em: <https://genius.com/Sabotage-rap-e-compromisso-lyrics>. Acesso em: 17 dez. 2020.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. Uma leitura sobre o intelectual orgânico em Gramsci. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 541-561, ago. 2017.

TESSARIN, Pedro Henrique de Oliveira. **Rap e Serviço Social**. No prelo.

WESTIN, Ricardo. **Há 170 anos, a Lei de Terras oficializou a opção do Brasil pelos latifúndios**. Brasília, DF, 2020. Portal: Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios>. Acesso em: 10 out. 2021.

ZENI, B. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. Estud.av. São Paulo, v.18, n.50, p. 226-241, jan./abr., 2004.

APÊNDICE A - Questionário

Seção 1 - Dados de identificação

- **Pergunta 1: Idade**

- | | |
|-------------------------------|-------------------------------|
| <input type="radio"/> 18 a 25 | <input type="radio"/> 41 a 44 |
| <input type="radio"/> 26 a 60 | <input type="radio"/> 45 a 50 |
| <input type="radio"/> 31 a 34 | <input type="radio"/> 51 a 54 |
| <input type="radio"/> 35 a 40 | <input type="radio"/> 55 a 60 |

- **Pergunta 2: Autodeclaração**
 - Preto
 - Pardo
 - Branco
 - Indígena
 - Amarelo

- **Pergunta 3: Escolaridade**
 - Educação infantil
 - Ensino fundamental
 - Ensino médio
 - Ensino superior
 - Nenhuma das opções

- **Pergunta 4: Identidade de gênero**
 - Cisgênero.
 - Transgênero.
 - Nenhuma das opções

- **Pergunta 5: Orientação sexual**
 - Heterossexual
 - Homossexual
 - Bissexual
 - Nenhuma das Opções.

- **Pergunta 6: Cidade**

- **Pergunta 7: Mora ou já morou em alguma comunidade(periferia)? Se sim, qual?**
- **Pergunta 8: Estado**

Seção 2 - Sobre o Rap

- **Pergunta 9: O rap pode ser um meio para a transformação da sociedade? De que forma?**

- **Pergunta 10: As músicas de rap te auxiliam para a interpretação de sua realidade?**
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 11:** O RAP ajudou a entender o mundo ao seu redor?
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 12:** Se você respondeu Sim para a questão anterior, de que forma?

- **Pergunta 13:** Você vê o Hip Hop como uma forma de empoderamento?
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 14:** Quais artistas do gênero são mais ouvidos por você?

- **Pergunta 15:** Qual a importância do Rap para você?

- **Pergunta 16:** Em que momentos você ouve Rap?
 - Em momentos de lazer;
 - Em momentos de reflexão;
 - Em momentos de descanso;
 - Em todos os momentos.
 - Em momentos de raiva;

- **Pergunta 17:** Se possível, compartilhe com a gente um trecho de uma música que você mais gosta dentro desse gênero musical

Seção 3 - Serviço Social

- **Pergunta 18:** Você sabe o que é Serviço Social?
 - Sim.
 - Não.

- **Pergunta 19:** Você já teve algum contato com o Serviço Social?
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 20:** Se a resposta acima foi positiva, foi uma boa experiência?
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 21:** O Serviço Social pode ser um meio para a transformação da sociedade?
De que forma?

- **Pergunta 22:** O Serviço Social ajudou a entender o mundo ao seu redor?
 - Sim
 - Não

- **Pergunta 23:** Se você respondeu Sim para a questão anterior, de que forma?

- **Pergunta 24:** Você vê o Serviço Social como uma forma de empoderamento?
 - Sim
 - Não